



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**PSICOLOGIA**  
**MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**



**ALINE DA CONCEIÇÃO SOUZA**

**DIMENSÕES HISTÓRICAS E SOCIOCULTURAIS DO**  
**FUTEBOL E AS INTENSIDADES QUE O TORCER**  
**PROPORCIONA.**

São Cristóvão - Sergipe  
2017

ALINE DA CONCEIÇÃO SOUZA

**DIMENSÕES HISTÓRICAS E SOCIOCULTURAIS DO  
FUTEBOL E AS INTENSIDADES QUE O TORCER  
PROPORCIONA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Centro de Ciências de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri

São Cristóvão - Sergipe  
2017

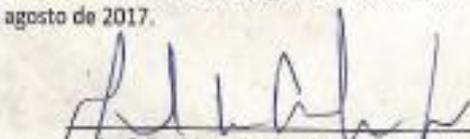


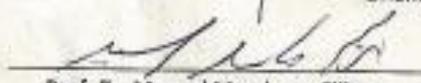
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

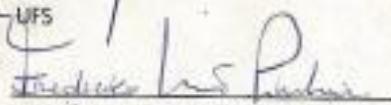
PPGPSI

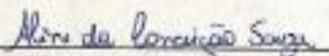
## ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte quatro dias do mês de Agosto de dois mil e dezessete, reuniram-se as 09 horas na sala de aula do PPGPSI, Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, os professores membros da Comissão Examinadora Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri (Orientador), Prof. Dr. Manoel Mendonça Filho (Membro interno), Prof. Dr. Frederico Leão Pinheiro (Membro Externo), para avaliar o trabalho intitulado "DIMENSÕES HISTÓRICAS E SOCIOCULTURAIS DO FUTEBOL E AS INTENSIDADES QUE O TORCER PROPORCIONA". Da mestrandA ALINE DA CONCEIÇÃO SOUZA. O orientador, assumindo os trabalhos na qualidade de Presidente, passou a palavra à candidata, para que ela expusesse sua dissertação, informando que a mesma dispunha de 30 (trinta) minutos para a apresentação, que cada examinadora iria dispor de 20 (vinte) minutos para fazer arguições e que a candidata gozaria de 20 (vinte) minutos para responder aos questionamentos. Terminada a exposição da candidata, o presidente passou a palavra aos membros da Comissão Julgadora, que iniciaram a arguição. Terminada a arguição, a candidata retirou-se do auditório para que os membros da Comissão Julgadora atribuissem-lhe as notas. Logo em seguida, o Presidente anunciou que a candidata foi considerada APROVADA a partir da avaliação pelos dois membros da Comissão Julgadora. O Presidente proclamou a candidata MESTRE EM PSICOLOGIA SOCIAL, devendo este resultado ser homologado pela Comissão da Coordenação de Pós-Graduação. Em seguida, o Presidente agradeceu aos membros da Comissão Julgadora e aos presentes e encerrou a sessão. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata que vai assinada pelos membros da Comissão Julgadora. Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 24 de agosto de 2017.

  
Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri  
Orientador - UFS

  
Prof. Dr. Manoel Mendonça Filho  
Membro Interno - UFS

  
Prof. Dr. Frederico Leão Pinheiro  
Membro Externo - UFS

  
ALINE DA CONCEIÇÃO SOUZA  
CANDIDATA

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Souza, Aline da Conceição  
Dimensões históricas e socioculturais do futebol e as intensidades que o torcer proporciona / Aline da Conceição Souza ; orientador Marcelo de Almeida Ferreri. – São Cristóvão, 2017.  
55 f.

Dissertação (mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Psicologia social. 2. Futebol - Torcedores. 3. Mudança social. 4. Futebol - Sergipe. 5. Emoções – Aspectos sociais. I. Ferreri, Marcelo de Almeida, orient. II. Título.

CDU 316.62:796.332(813.7)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à força Divina por me dar energia e benefícios para concluir esse trabalho.

À meu esposo o grande responsável por me despertar o interesse no futebol e nas torcidas. Com você vivenciei as intensas emoções que esse esporte proporciona. E foi durante a pesquisa que experimentamos a mais intensa emoção das nossas vidas, a chegada do nosso filho. Não foi fácil concluir o trabalho com todas as mudanças que um filho traz, mas vocês dois me deram força para ir até o fim. Amo vocês.

À meu orientador Marcelo Ferreri que embarcou comigo nessa jornada guiando os meus passos com tranquilidade, paciência e sabedoria sempre acreditando no meu (nosso) trabalho.

À Manoel Mendonça pelas orientações, pela sabedoria compartilhada, pelo acolhimento e carinho.

A todos que fizeram parte do grupo de pesquisa GEPEC, espaço no qual tive a oportunidade de enxergar o mundo por uma diferente perspectiva graças às trocas teóricas compartilhadas.

À minha parceira de jornada acadêmica Graziela que dividiu comigo as alegrias e angústias que um mestrando sente, sempre com muito humor.

À Levi (*in memoriam*) pela oportunidade de conhece-lo e pelos ensinamentos deixados.

Aos torcedores que contribuíram para essa pesquisa.

À Federação Sergipana de Futebol, na pessoa de Diogo Andrade que me permitiu ter acesso livre aos jogos do campeonato sergipano.

A todos da minha família e amigos. Vocês são a minha maior riqueza.

## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo discutir a respeito da intensidade do torcer confrontada com a modernização do futebol, através das principais torcidas do futebol sergipano. Com inspiração etnográfica na construção de dados, as noções de sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado são colocadas em análise. A presente pesquisa não foi a primeira experiência com as torcidas de futebol, em estudo anterior, o impacto da força das arquibancadas fizera questionar a produção de verdades sobre o torcer, especialmente no que diz respeito ao recorrente tema da violência. A discussão sobre a modernização do futebol e as disciplinas do torcer foi embasada pelo estudo de Michel Foucault sobre controle e vigilância, e as intensidades que o torcer proporciona pelo trabalho de Johan Huizinga, Jeanne Fravet Saad, além da pesquisa de campo. Ao fim, coube debater sobre as relações e as distâncias entre a modernização das condições do torcer e as intensidades envolvidas.

Palavras-chaves: Torcidas de futebol; Modernização; Intensidades afetivas.

## **ABSTRACT**

This research has as objective discuss the intensity of football fans faced with the modernization of football, through the main fans of Sergipe soccer. With ethnographic inspiration in data construction, notions of subject and object, are put into analysis. This research was not the first experience with soccer fans, recalling the previous experience, I had the opportunity to rethink my look as a researcher at that moment, analyzing the place of knowledge-power that produces truths when assuming the position of Subject of knowledge, and this is the main effect of ethnographic inspiration. The discussion of football modernization and twisting disciplines was based on Michel Foucault's study of control and surveillance, and the intensities that the twist provides for Johan Huizinga's work on gambling as an element of culture. It was through these intensities that I realized that I had been affected by this football environment and to discuss this I used the work of Jeanne Fravet Saad about being affected.

Keywords: Football fans; Modernization; Affective intensities.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 O início da ida ao campo .....	14
2. MODERNIZAÇÃO DO FUTEBOL E DISCIPLINAS DO TORCER.....	18
2.1 História do jogo .....	18
2.2 Evergetismo .....	24
2.3 História do torcer no futebol.....	26
2.4 O Futebol Moderno.....	30
3. AS INTENSIDADES AFETIVAS .....	41
3.1 O jogo e suas intensidades .....	41
3.2 Ser afetado .....	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	51
ANEXO .....	54

## 1. INTRODUÇÃO

Você já entrou, alguma vez, num estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo, e escute. Não a nada mais vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém.

(Eduardo Galeano – Futebol ao sol e à sombra)

Essa epígrafe de Eduardo Galeano faz pensar o quanto estar em uma arquibancada de futebol pode ser uma experiência sensorial, na qual todo o corpo e a relação com a vida são afetados, e foi através dessa experiência essa cheguei ao presente trabalho. Não é novidade nas pesquisas acadêmicas o estudo sobre o futebol, este já foi objeto para a discussão de diversos temas, a saber, violência, racismo, economia, consumo, paixão, entre outros. Essa pesquisa tem como objetivo discutir a respeito da intensidade do torcer confrontada com a modernização do futebol, através das principais torcidas do futebol sergipano.

Aqui não há verdades *a priori* a serem confirmadas, há o relato de experiências que fizeram refletir sobre o tema, levantando novas possibilidades de pensar o futebol para a pesquisadora que já havia realizado pesquisa sobre futebol com foco na violência de torcidas. Na contramão ao que havia pesquisado, a nova proposta de pesquisa surgiu a partir da experiência vivenciada em um estádio, saindo da redução das intensidades do torcer à violência. O principal instrumento do estudo é a frequência ao estádio de futebol e alguns outros ambientes do cotidiano dos fãs da modalidade.

O que será descrito a seguir consiste em como esse objetivo foi construído através das experiências vivenciadas. Foi em um dia de clássico na cidade, as duas maiores torcidas do estado se encontravam fazendo lotar o estádio Lourival Batista, o Batistão. O vermelho do Sergipe e o azul do Confiança tomavam conta do evento, cada uma em seu respectivo lado da arquibancada. Em 2013, era aniversário de 158 anos de Aracaju, por isso o jogo contava com

diversas atrações para comemorar o dia (dois paraquedistas pousaram em cada parte do campo com as respectivas bandeiras dos times). De cada lado, passos eram ensaiados para o primeiro grande momento do dia, a entrada dos jogadores. E assim se fez, com o auxílio de mosaicos feitos de papel, bexigas, bobinas de papel, sinalizadores, fogos de artifício. Estávamos eu e meu colega de pesquisa dentro do campo, junto ao banco da imprensa logo atrás do banco dos jogadores reserva, acompanhando o jogo, onde percorríamos os arredores do campo, cada um de um lado, com câmera na mão, filmando e fotografando cada movimento das torcidas.

Antes de começar a partida, havíamos aplicado um questionário na torcida que buscava verificar se os torcedores que frequentam o estádio de futebol de Aracaju se sentiam seguros para assistir os jogos do seu time, e como avaliam a segurança do estádio, averiguando também a presença ou não de violência entre as torcidas de Confiança e Sergipe, se positivo, onde esses confrontos estariam ocorrendo e qual a reação destes diante de um suposto ato de violência.

Ao assistir a festa das torcidas, toda aquela encomenda que direcionava a pesquisa se esvaziou por alguns instantes e a única coisa que conseguia pensar e sentir era em quão bonito foi assistir aquilo, como elas vibravam de forma a deixar-me arrepiada.

Ao fim do dia, o tratamento que dei aos dados coletados<sup>1</sup> daquela experiência seguiu o roteiro prescrito, no entanto as afetações do vivido permaneceram dentro de mim e aos poucos mudaram o meu olhar.

Esse estudo citado foi um trabalho de conclusão de curso em Psicologia com o título “Das arquibancadas para os estudos acadêmicos: uma visão psicossocial das torcidas de futebol de Aracaju”, apresentado no ano de 2013 na Universidade Tiradentes. Foi realizado em parceria com um colega que já havia sugerido, em outro momento, uma pesquisa sobre a violência no futebol e tinha como objetivo identificar aspectos psicossociais que podem influenciar os torcedores a cometerem atos de violência. Alicerçados pelos estudos de

---

<sup>1</sup> Utilizo esse termo, pois essa era a visão daquela pesquisa que acreditava fazer um reconhecimento de uma realidade a ser revelada.

Maurício Murad<sup>2</sup> sobre a violência no futebol, chegamos, através do resultado do questionário, a conclusão de que havia violência entre as torcidas de futebol, algo que todos que conhecem o futebol sergipano sabem, todavia precisávamos “confirmar empiricamente”. Por fim, reforçávamos a presença do governo e da polícia para garantir a “segurança” aos torcedores, através de dispositivos de vigilância e controle.

A experiência de execução daquela pesquisa paradoxalmente marca o distanciamento desse olhar sobre a violência no futebol, distância reforçada mais tarde com as discussões no grupo de pesquisa do mestrado sobre controle e vigilância em Michel Foucault, apesar do autor não falar diretamente sobre este ambiente. Paralelamente, a discussão sobre a modernização do esporte despertou o interesse quando o estádio Lourival Batista foi fechado para a reforma e adequação para os padrões da Federation Internationale de Football Association (FIFA) para as novas arenas, sendo entregue em 2015 com o nome de Arena Batistão e disponibilizada para a seleção da Grécia, que se preparava para a Copa do Mundo no Brasil.

As impressões causadas por essas mudanças foram amplas. Em uma noite, após uma das idas ao estádio para a pesquisa de campo, sonhei que encontrava no meu quarto duas miniaturas com o nome “consumismo e futebol de mercadoria” e “futebol mercadológico e consumismo”. Eu não me recordo da forma das miniaturas, entretanto o fato de serem duas com nomes diferentes faz pensar que cada uma trata de coisas distintas e ambas apresentavam a temática do futebol como mercadoria. O sonho apareceu para marcar uma nova perspectiva sobre este esporte que o insere no campo do mercado e os torcedores como consumidores. O assunto, então, faria parte da pesquisa.

---

<sup>2</sup> Sociólogo, doutor em sociologia do desporto, possui trabalhos científicos nas temáticas, futebol, violência, cultura. É referência no assunto violência no futebol, com as obras mais conhecidas: *A violência no futebol: novas pesquisas novas ideias, novas propostas* e *Para entender a violência no futebol*. Segundo o autor a violência está concentrada nas chamadas “Torcidas Organizadas”, e são cerca de 7% dos indivíduos que integram essas torcidas que estão envolvidos em atos violentos. Ele afirma que, embora se trate de um número pequeno, em nível mundial esse número se torna muito expressivo, pois o Brasil é o país com maior índice de violência nos estádios de futebol no Mundo. Quanto a segurança nos estádios, Murad afirma que os torcedores são desrespeitados nos estádios de futebol brasileiro. Meio de transporte inadequado, venda de ingresso, cambistas, flanelinhas, tumulto na entrada, iluminação inadequada tudo isso corrobora para a violência entre os torcedores (MURAD, 2012).

Destaca-se que a violência ainda se faz presente aqui nessa pesquisa, saindo do eixo da horizontalidade, entre torcedores; e discutindo na verticalidade, Estatuto do Torcedor, nova legislação aprovada pelo Ministério Público sobre a proibição das torcidas organizadas nos jogos e de qualquer artefato que as identifique como bandeiras e instrumentos musicais, modernização dos estádios com o padrão Arena, aumento no valor dos ingressos, mudança nos horários de jogos devido à transmissão televisiva e o torcedor como consumidor.

Retomando a experiência da pesquisa anterior, tive a oportunidade de repensar sobre o meu olhar enquanto pesquisadora naquele momento, colocando em análise o lugar de saber-poder produtor verdades ao assumir o posto de sujeito do conhecimento.

No primeiro contato com as torcidas de futebol, o meu ponto de vista era o de criminalização delas, tratando principalmente da questão da falta de segurança nos estádios. Ao me aproximar do campo de pesquisa, experimentando o sentimento de estar ali entre os torcedores, pude suspender por alguns instantes a encomenda de criminaliza-las. Ao fim do dia retornei a ocupar o lugar de saber-poder reproduzindo essa “verdade” sobre as torcidas de futebol, que foi o principal efeito da inspiração etnográfica.

Todas essas inquietações iam de encontro ao que eu já havia pensado e discutido acerca do futebol e das torcidas, colocando as torcidas organizadas na função de violentas e me valendo de dispositivos de vigilância (Estatuto do Torcedor, polícia, modernização dos estádios e etc.) como mecanismos para vigiar e criminalizar os torcedores, reduzindo a essa problemática do ato de torcer.

A respeito disso, Roy Wagner (2010) afirma, que ao experienciar uma nova cultura, o pesquisador identifica novas potencialidades e possibilidades de se viver a vida, e pode efetivamente passar ele próprio por uma mudança de olhar.

As contradições diante das diferentes experiências passadas se tornaram fundamentais para uma amplitude no pensamento. Segundo Bachelard (1996), o conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras, onde o real nunca é “o que se poderia achar”, mas é sempre o que deveria ser pensado.

Aqueles poucos instantes de intensidades e afetações no estádio foram responsáveis por me deixar intrigada sobre o que estava fazendo ali, me fazendo retomar, posteriormente, a pesquisa com as torcidas com outro olhar. É, portanto, narrando essa primeira experiência sobre as torcidas, que traçarei o caminho para expressar essa mudança.

Com isso, me debruçar no estudo do futebol e das torcidas passou a ser uma experiência que causou reverberações na minha forma de pensar e de enxergar o mundo, assumindo agora novos contornos. Feyerabend (p. 42, 1977), falando a respeito de como descobrir o mundo que pressupomos afirma “(...) precisamos de um conjunto de pressupostos alternativos ou necessitamos de um mundo imaginário para descobrir os traços do mundo real que supomos habitar (e que, talvez, em realidade não passe de outro mundo imaginário)”.

Desta maneira, o estudo não corresponde a uma captação de uma realidade ingênua, mas uma construção, uma abstração, representando assim o artificial e não o real (BACHELARD, 1996). Essa construção aconteceu ao passo que fui afetada pelo campo de pesquisa e esse foi um processo de muitas dúvidas e inquietações. No primeiro momento foi necessário perceber que a afetação já estava acontecendo, e em seguida reconhecer as intensidades e o que isso me causava.

Portanto, falar das torcidas de futebol, seja no contexto da violência, ou da sua modernização, mercado e consumo, é falar também de intensidades afetivas. Algo acontece dentro do estádio que mexe com todos ali presentes, seja para o combate, causando um “ódio” por aqueles que se deixam envolver pelas emoções, ou comercializando essas emoções. As intensidades do torcer estão presentes e os controles buscam contê-las.

Dessa forma, não há como não ser atingida por um desses ou até outros presentes no campo do futebol, e é dessa maneira que esse trabalho se justifica, buscando descrever como o objeto de pesquisa, o torcer que proporciona intensidades a quem o vivencia, inclusive ao pesquisador. Para isso, utilizei também de dimensões sócio-históricas para construir a discussão.

A perspectiva teórica metodológica tem como inspiração a etnografia na construção de dados, colocando em análise as noções de sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado. Essa modulação de pensamento para a entrada no campo de pesquisa tem como pano de fundo a discussão de Roy Wagner (2010) por problematizar, ao observar fenômenos humanos a partir de um "exterior", compreende-se que essa perspectiva exterior é tão prontamente criada quanto as nossas mais confiáveis perspectivas "interiores". Assim, falar das torcidas de futebol, das intensidades que o torcer proporciona e o processo de modernização aparece quando elaboro esse objeto, e é na relação com ele que surge essa perspectiva.

Dessa forma, o desafio de se fazer uma etnografia é o de compreender que o objeto de

pesquisa, nesse sentido “o meu olho é o cadáver da luz, da cor. O meu nariz é tudo o que resta dos odores quando a sua irrealdade fica demonstrada. A minha mão refuta a coisa carregada” (TOURNIER, 2014, p. 90).

Assim, outros desafios foram aparecendo no decorrer da pesquisa, como a noção de ser necessário estruturar o pensamento articulando maneiras para aproximar dos torcedores e organizando as possíveis perguntas que os faria. Essa ideia de uma atividade regular ajuda a sustentar a sensação de estar fazendo alguma coisa frente ao “choque cultural” e às preocupações de não estar chegando a lugar nenhum, e outras frustrações passadas pelo pesquisador (WAGNER, 2010).

### 1.1 O início da ida ao campo

Os procedimentos para a pesquisa iniciaram no dia 5 de julho de 2015, sendo a primeira ida ao campo realizada devido ao comentário de um colega sobre um evento da Associação Desportiva Confiança, A Primeira Feijoada União Proletária, organizada pelos torcedores para ajudar o clube a quitar honorários pendentes dos funcionários. A feijoada foi realizada no Estádio Proletário Sabino Ribeiro, localizado no Bairro Industrial.

Estava ansiosa, pois não sabia chegar até o estádio, nunca tinha passado nem por perto da região, então optei por pegar um táxi. Estava nervosa, pois estava indo a um lugar que não conhecia, com pessoas desconhecidas, mas que poderiam, não sei como, saber que torcia para Sergipe, o time rival. Esse era meu medo. O taxista não sabia direito onde era a entrada, o que me deixou mais nervosa, depois de rodarmos sem ver um torcedor na rua, encontramos um lado da rua que estava com vários carros estacionados. Achamos a entrada. Liguei para a organizadora do evento, que foi ao meu encontro e me colocou na mesa onde estava um dos fundadores da torcida Trovão Azul.<sup>3</sup>

Neste evento conheci Marcos<sup>4</sup>, o responsável pelo Programa Sócio Torcedor e marketing do clube, que viabilizou o livre acesso aos jogos do time nas disputas da série C<sup>5</sup> do Campeonato Brasileiro de Futebol do ano de 2015.

---

<sup>33</sup> DIÁRIO DE CAMPO 05/07/15

<sup>4</sup> Nome fictício

<sup>5</sup> O campeonato brasileiro de futebol subdivide-se em 4 divisões (A, B, C e D), sendo a Série D o ingresso para os clubes no cenário nacional, em busca do acesso à “C”, depois à “B” e, por fim, à “A”, série com as equipes mais qualificadas.

Conversei um pouco com Marcos que logo perguntou sobre o que era o meu trabalho, respondi que estava fazendo a pesquisa sobre as torcidas e levantando algumas questões sobre o movimento Futebol moderno. Na mesma hora ele respondeu que tinha uma opinião sobre isto e que achava que as pessoas exageram demais, mas que seria melhor se eu mandasse as perguntas por e-mail que ele responderia. Percebi que ele ficou um pouco ríspido e relutou a falar sobre o assunto e quis cortar conversa.<sup>6</sup>

Ir a campo em pleno processo de construção do objeto de pesquisa é mais um desafio etnográfico no qual o pesquisador fica exposto a episódios como este. Houve nessa situação um incidente comunicativo durante a inserção no campo que é expressão do choque cultural e de frustrações vividas no ato de pesquisar. A primeira ida a campo através da liberação dele foi sem dificuldade, e de imediato fui identificada pelo vigilante presente no evento da Feijoada que liberou a minha entrada sem precisar de outra autorização.

Para esse jogo consegui a liberação para a entrada através de Marcos. Antes de ir ao jogo, falei ao telefone com ele para confirmar a liberação e saber por onde eu poderia entrar, que informou que eu poderia entrar pela entrada da imprensa. Chegando ao estádio, encontrei em uma das portas o vigilante que trabalhou durante a feijoada do Confiança e que me reconheceu assim que cheguei, liberando logo a minha entrada.<sup>7</sup>

Esse incômodo notado no responsável pelo Sócio Torcedor pôde ser confirmado no decorrer da pesquisa, no qual algumas situações foram acontecendo para dificultar o meu acesso.

Fui confirmar com Marcos, sobre minha ida ao jogo do dia. Neste dia o Confiança ia jogar contra o América de Natal e era um jogo que se o ADC ganhasse, permaneceria no campeonato da serie C, e o deixaria mais próximo de chegar na serie B. Então, ao falar com ele pelo whats app<sup>8</sup>, o mesmo respondeu, “complicado” “muito em cima”. Eu respondi que tudo bem, mas confesso que achei estranho pois o mesmo disse que liberaria minha entrada em todos os jogos do Confiança, inclusive perguntou se eu gostaria de ficar dentro do campo junto com o pessoal da imprensa. No dia eu respondi que não, pois gostaria de ficar com a torcida mesmo. Em todos os jogos por iniciativa própria eu confirmava com ele a minha ida. Tentei correr para comprar os ingressos, mas já havia esgotado.

Esse foi o último jogo que tentei adentrar mediante autorização de Marcos. O ano de

---

<sup>6</sup> DIÁRIO DE CAMPO 05/07/15

<sup>7</sup> DIÁRIO DE CAMPO 11/07/15

<sup>8</sup> WhatsApp Messenger é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

2015 encerrou com a ida ao evento do Clube Sportivo Sergipe (CSS), o V Dia do Mais Querido, realizado no dia 17 de outubro. Durante o dia foram realizadas atividades esportivas com crianças, partidas de futebol com os torcedores membro do Programa Sócio Torcedor, atletas e ex-atletas. O evento contou também com uma atração musical e com um sorteio de um carro para quem tinha comprado a rifa. Esse foi o início do acesso à torcida do Sergipe nesse estudo.

Fui mais tranquila para esse evento, pois já sabia como chegar ao Estádio João Hora e até já tinha ido lá uma vez para comprar ingressos para o jogo, e sabia que encontraria pessoas conhecidas. Assim que entrei encontrei um amigo que perguntou o que eu estava fazendo lá, e quando respondi sobre a pesquisa, tratou logo de reunir uns amigos para conversar comigo.<sup>9</sup>

No ano seguinte, acompanhei o Campeonato Sergipano série A- 1<sup>10</sup>, por meio de liberação oficial, com documento protocolado pelo Presidente Administrativo da Federação Sergipana de Futebol. Assim, pude acompanhar todos os jogos deste campeonato, realizado no período de 24 de janeiro a 7 de maio, totalizando o número de 14 jogos, sendo a maioria desses jogos em Aracaju e 2 em Itabaiana.

Além dos jogos e dos eventos dos clubes, acompanhei nas redes sociais debates levantados pelos torcedores sendo estes recolhidos para análise. Todos esses dados foram registrados em diários de campo: fotografias, vídeos e áudios.

O estudo será dividido, apenas por questão didática, da seguinte forma: o primeiro capítulo apresentará a história do futebol e suas torcidas e o processo de modernização, o segundo apresentará as intensidades afetivas que o torcer provoca, e por fim a confrontação entre os dois capítulos anteriores como considerações reflexivas desse trabalho. Essa divisão do trabalho é para ficar claro as duas temáticas discutidas, porém, esses temas emergiram

---

<sup>9</sup> 17/10/15

<sup>10</sup> Campeonato organizado pela Federação Sergipana de Futebol para a disputa do título estadual entre os clubes de Sergipe dividido em três fases: 1º fase- classificatória, 2º fase – hexagonal e torneio da morte e 3º fase –final. Na primeira fase, Classificatória, as equipes jogaram entre si partida somente de ida. Classificaram-se para o hexagonal (segunda fase) as seis primeiras colocadas em número de pontos, e as quatro últimas disputaram o Torneio da Morte, que define os rebaixados para a Série A2 de 2016. No Hexagonal, as seis melhores da fase anterior jogaram entre si no sistema de ida e volta, totalizando dez rodadas. Os dois clubes que mais pontuaram se qualificaram para a final. O Torneio da Morte consistiu de um quadrangular (em jogos de ida e volta) no qual os dois piores foram rebaixados para a Série A-2 de 2016. A Grande Final é disputada em duas partidas, nas quais o melhor colocado no hexagonal teve a vantagem de dois resultados iguais.

juntos durante a pesquisa de campo.

Nesse interim, reforço que falar sobre intensidades afetivas e a modernização do futebol não foi uma busca pré-determinada, foi uma construção devido às experiências vividas dentro de campo, literalmente. A relevância desse estudo é a possibilidade de discutir as reflexões advindas do futebol através das intensidades que compõem este ambiente e seus processos históricos e socioculturais.

## 2. MODERNIZAÇÃO DO FUTEBOL E DISCIPLINAS DO TORCER

O Futebol é mais do que pão e circo. É mais do que um ritual alienante e vai muito além de um simples esporte. Serve como instrumento social, moldou o caráter e mudou a vida de muita gente. Para alguns é encarado como religião e cultura. Algo que não pode ser negado é que o futebol invariavelmente também é política.

(Trecho retirado da página “Contra o futebol moderno”)

Esse capítulo tratará das mudanças históricas e socioculturais do futebol e de suas torcidas. Nele será apresentado o processo de modernização deste esporte e dos torcedores, que corresponde a regulação através do estatuto do torcedor e do código de conduta da FIFA resultando na produção, individualização e docilização do sujeito. Para a melhor compreensão desse processo, apresentaremos um breve histórico da modalidade, das torcidas, nova legislação sobre o torcer e chegando ao “padrão FIFA”. Esta discussão emergiu durante a pesquisa de campo ao passo que a pesquisadora distanciava seu olhar da violência. A discussão sobre as torcidas no futebol está articulada à do jogo na literatura, por isso o texto fará referência e relação constante entre um objeto e outro. O torcer está ligado ao jogo, aos lances, à movimentação, aos resultados, esta vibração acompanha a partida, mas não é o mesmo que jogar.

### 2.1 História do jogo

Historiadores definiram que algumas das primeiras civilizações jogavam variantes do futebol primitivo. América Central e Amazonas são apontadas como fontes culturais do futebol onde povos indígenas já praticavam jogos com bola em 1500 a.C.. Alguns acreditam que as primeiras formas da modalidade foram jogadas na Antiguidade. O futebol “primitivo” ao ser comparado ao jogo moderno pode ser considerado para alguns como violento e não civilizado, por comumente os jogadores possuírem punhais que causavam ferimentos, tanto acidentalmente quanto intencionalmente. Além disso, o jogo não possuía organização relativa à posição de cada participante ou esquemas táticos, porém para os seguidores de Durkheim, o

futebol “primitivo” funcionava para manter a ordem social e integrar os indivíduos no âmbito local (GIULIANOTTI, 2010).

Contudo, essa afirmativa apresenta traços de etnocentrismo ao se fazer essa distinção a partir do padrão da própria cultura, o futebol moderno é visto como o exemplo do que é melhor e civilizado. Como afirma Clastres (2004), falar sob etnocentrismo é estabelecer a diferença cultural, como inferior, segundo um eixo hierárquico.

Veremos a seguir que essa perspectiva etnocêntrica, na maioria dos textos que falam sobre o futebol “primitivo”, classifica-o como violento e não civilizado, e a medida que ele vai se distanciando disto e se organizando, criando regras, vai se aproximando da perspectiva do chamado “moderno”.

Cada uma das civilizações praticantes do “primitivo” possuía diferenças na forma de jogar, ou de dar significado àquela prática. Essas práticas eram realizadas em grupo e tinham algum objeto semelhante à bola (GIULIANOTTI, 2010).

O *Tsu Tsu* da China e o *Kemary* do Japão, ambos de 2600 a.C. , são as práticas ainda mais antigas com semelhanças ao futebol. Essas práticas eram rituais de celebração, o qual o *Tsu Tsu* era praticado pela tribo vencedora sendo jogado com a cabeça do seu inimigo vencido e o seu sangue ajudaria na fertilização da plantação (MURAD, 2012); e o *Kemary* era praticado no maior silêncio possível, promovendo no indivíduo o autoconhecimento, autocontrole e a meditação (UNZELTE, 2009).

Na América do Sul foi praticado o *Matanaarít*, com uma bola feita de borracha revestida por um tipo de madeira leve, no qual poderia se usar qualquer parte do corpo para controlar a bola. Sua prática tinha um sentido educacional e uma das regras principais era o respeito pelos demais participantes, sendo proibido o uso de palavrões aos jogadores e aos expectadores (UNZELTE, 2009).

Na Grécia, por volta de 850 a.C, surge o *Epyskiros*, considerado como o parente mais próximo do futebol, por ser disputado em um campo retangular e ter duas equipes de nove jogadores. A bola era feita com bexiga de boi e recheada com areia e ar, o objetivo do jogo era arremessar a bola nas metas, localizadas no fundo de ambos os lados (UNZELTE, 2009).

Em Roma, aproximadamente 200 a.C, surge o *Harpastum*, também em campo retangular, marcado por uma linha no centro que o dividia e tinha duas linhas no fundo. A bola era chamada de *follis* feita com a bexiga do boi e revestida com o couro. O objetivo do

jogo era passar a bola de pé em pé e um dos componentes deveria arremessá-la para ultrapassar a linha marcada no fundo do campo adversário, marcando assim um ponto. Não se sabe, precisamente, se essa atividade era realizada com os pés ou as mãos (UNZELTE, 2009).

No século XIV, na Itália, surgiu o *Cálcio*, que significa chute ou coice. Era praticado na superfície gelada do Rio Arno, na cidade de Florença. Desta forma, a bola deslizava com facilidade, fazendo com que o equilíbrio fosse a grande dificuldade dessa modalidade, exigindo dos praticantes vigor físico e habilidade para conduzir a bola na superfície escorregadia e gelada. Em seguida, o *Cálcio* passou a ser jogado nas ruas da Itália e passou a se popularizar, expandindo fronteiras e chegando a Inglaterra, como *Mob Football* e, na França como *Soule* no século XVII, sendo considerado o antecessor do futebol (MURAD, 2012).

No início do século XIX, na Inglaterra era praticando o grande jogo<sup>11</sup>, sem definições de time, jogadores ou regras fixas. Segundo Duarte (2005), nessa época existiu uma partida contando com quinhentos jogadores de cada time e o campo era delimitado pela entrada e saída de uma cidade inglesa.

Essas práticas semelhantes ao futebol traziam sua maneira de jogar divergindo de acordo com a região, como por exemplo, em uma cidade era permitido usar as mãos e em outra não. Essa divergência fez um grupo de estudantes da Universidade de Cambridge, na busca de uniformizar a maneira como se praticava o futebol, que até então não possuía uma definição, criasse onze regras as quais foram escritas em uma folha e afixadas nas árvores do campus da Universidade no ano de 1848. Algumas dessas regras permanecem até hoje, a saber, a regra para iniciar a partida, na qual, no começo do jogo, a bola deve ser chutada no meio do campo. Após cada gol o jogo deve recomeçar desta mesma maneira; o tiro de meta, que é quando a bola saí pela linha de fundo, deve ser recolocada em jogo pelo lado em que deixou o campo. A bola deve ser chutada, a não mais que dez passos da linha de fundo; a regra do gol, que é quando a bola é chutada entre as traves e abaixo do cordão, que hoje deu

---

<sup>11</sup> Essa prática era uma mistura de futebol e rugby que passou a diferenciar quando, em 1823, um jovem chamado William Webb Ellis agarrou a bola e correu com ela fazendo com que os outros jogadores fossem atrás dele, nascendo ali a essência do Rugby. Com as regras de Cambridge, o futebol passou a ter suas regras definidas, marcando mais uma vez a diferença entre futebol e rugby.

lugar ao travessão (DUARTE, 2005).

As regras de Cambridge não especificavam as dimensões do campo, então você podia jogar em qualquer campo limitado por quatro cantos. Os espectadores se posicionavam na linha lateral do campo, a bola não saía porque as pessoas chutavam a bola de volta para o campo, ou seja, eles influenciavam no andamento do jogo sem fazer parte da partida. Para impedir essa situação inventaram a lateral, em que o jogador só podia jogar a bola numa direção reta, não podia jogar para as diagonais. A cada gol os times trocavam de lado, a troca não era na metade do tempo (DUARTE, 2005).

Porém, o futebol só foi realmente definido em 26 de outubro de 1863, em Londres, com a unificação e universalização de regras. A partir daí, o *Football* passou a ter ordem e disciplina e passou a ser reconhecido como um esporte<sup>12</sup> (MURAD, 2012).

Este marco histórico da definição do futebol com suas regras universalizadas pode ser considerado como o início da modernização<sup>13</sup> desse esporte, entendendo as mudanças atuais como aperfeiçoamento dessas.

No Brasil, este desporto ingressou através de Charles Miller, um jovem brasileiro descendente de ingleses, em São Paulo de 1894, que trouxe ao país duas bolas e um exemplar do livro de regras (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Contudo, esse fato é marcado por algumas divergências, pois, como afirma Máximo, existem outras narrativas a cerca da prática do futebol no Brasil antes dessa data:

Muito antes de 1895 andou-se batendo bola em improvisados campos brasileiros. Marinheiros holandeses, por exemplo, organizaram entre si um jogo que teria sido testemunhado por um pequeno número de abismados pernambucanos. O local, uma praia do Recife, e o ano, aí por 1870. Parece que, quatro anos depois, marinheiros ingleses teriam feito o mesmo na praia da Glória, no Rio, e que em 1878 os tripulantes do navio britânico Crimeia aproveitaram o capinzal entre as ruas Paissandu e do Rosso, defronte à residência da Princesa Isabel, para um animado bate-bola. Os paraenses preferem lembrar que, em 1890, funcionários da Amazon Steam Navigation Company, todos ingleses, já jogavam devidamente paramentados – camisas, calções, meias e chuteiras – em campos de terra batida em Belém. E que volta e meia enfrentavam „times de fora“, seus compatriotas de outras firmas, como a Western Telegraph e a Para Gaz Company Limited. Outros garantem que, bola

---

<sup>12</sup> O termo esporte possui diferentes definições, mas nessa passagem, o que está sendo marcado é o reconhecimento de uma prática formal, institucional.

<sup>13</sup> Refiro-me a universalização das regras do futebol e serão aperfeiçoadas ao levar essa regularização para as torcidas.

chutada por pés de brasileiros, as primeiras devem-se a um inglês de nome John ou a outro de nome Hugh, que teriam ensinado a novidade a operários da São Paulo Railway [...]. Mas onde está o registro disso tudo? Onde estão os textos ou as fotos que atestam a primazia que os gaúchos reivindicam a de que um inglês chamado Arthur Lawson (que todos distinguiam com o indevido tratamento de sir) teria organizado partidas entre brasileiros antes de 1895? A primeira menção escrita ao pioneirismo de sir Arthur nos dá conta de que só em 1900 ele conseguiria armar dois times de brasileiros [...]. Se há documentos sobre fatos anteriores a 1895, não se conhece. Nem sobre os já citados, nem sobre o escocês Thomas Donohue, técnico em tecelagem da fábrica Bangu, no Rio, que teria promovido um jogo de cinco para cada lado entre os empregados, em abril de 1894, e muito menos sobre os jesuítas alemães que, dizem outros, teriam levado a novidade aos recreios de seus colégios no início da década de 1870 (MÁXIMO, 2006, pp. 30-31).

Em Sergipe, a primeira demonstração pública foi realizada em sete de setembro de 1907, na Praça 24 de outubro, atual General Valadão, pelo Major Crispim Ferreira do 26º Batalhão de Infantaria, sediada em Aracaju. O evento contou com várias demonstrações de caráter militar: esgrima, cabo de guerra, linha de tiro e etc. A partida foi disputada pelas equipes de militares denominados: Democratas e Independentes, formados apenas por oito jogadores devido a um cata-vento que reduzia o espaço do campo. Meses antes da demonstração, em dia 3 de março de 1907, fundava a Liga Militar de Futebol a fim de “difundir a prática do futebol entre os briosos militares do 26º Batalhão” (VIANA FILHO, 2014).

Ainda segundo o autor, “em maio esta Liga distribuía internamente e ao público interessado, os seus Estatutos, impressos na Tipografia Universal, que eram acompanhados por um anexo contendo as regras do futebol” (VIANA FILHO, 2014, p. 18).

O primeiro clube de futebol de Aracaju foi fundado em 19 de setembro de 1909, por Mário Lins de Carvalho, Carlos Batista Bittencourt e outros jovens adeptos a ideia. O nome inicial do clube era Sport Club Lux, no entanto foi mudado durante a reunião para Club Football Sergipano contendo as cores vermelha e branca para identificar o Clube. A primeira bola e o livro de regras foram trazidas por um prático do navio Satélite, o uniforme veio do Rio de Janeiro e as chuteiras foram confeccionadas aqui em Sergipe, ao reutilizar botinas de soldado sendo costurado um anteparo com tiras de couro (VIANA FILHO, 2014).

Devido as dificuldades financeiras o Club Foot-ball Sergipano tentou se fundir com o já existente Club Sportivo Sergipe, que possuía as mesmas cores. Entretanto o Club Sportivo Sergipe dedicava sua atenção ao remo e por isso os dirigentes não se interessaram em ter o

futebol na sua agremiação afirmando que o esporte não atraía a atenção dos seus associados e nem tinha a nobreza do remo, esporte praticado pela elite sergipana (VIANA FILHO 2014).

Ainda segundo o autor, outras agremiações, de menor porte que o clube pioneiro, apareceram, como o Sport Club Aracaju (1909), O Rio Branco Foot-ball Club (1910), o União Foot-ball Club (1912) também tiveram vida curta devido a problemas financeiros. Foi apenas em 1916 que o futebol sergipano começou a crescer, com a adoção dos clubes Cotinguiba Sport Club e Club Sportivo Sergipe como atividades das agremiações, tendo em vista que antes estes clubes se dedicavam apenas ao remo.

Alguns clubes começaram a quebrar esse paradigma elitista do futebol, como o Vasco da Gama no campeonato de 1923, o São Cristóvão no campeonato de 1926 e o Bangu no campeonato de 1933. Esses clubes eram de origem popular, com suas sedes nos bairros periféricos do Rio de Janeiro, contando com numerosos jogadores negros, mulatos e de origem humilde. Destes clubes, o Vasco foi o único a permanecer na “elite” do futebol. Esse processo de ruptura do clube Vasco da Gama gerou reações nas forças dominantes que se sentiam ameaçadas (MARIO FILHO, 2003).

Em 1º de maio de 1936, um grupo de desportistas ligados à Fábrica de Tecidos Confiança fundam uma agremiação esportiva com o objetivo inicial de desenvolver a prática de esporte entre os operários da fábrica, e preparar equipes de voleibol, basquetebol e futebol para as Olimpíadas Operárias, disputada entre as indústrias do Estado. Somente em 1949, a Associação Desportiva Confiança cria seu time de futebol, realizando diversos amistosos (VIANA FILHO 2014). A presença dos operários na formação do clube é enaltecida no Hino do clube:

Quem é o campeão dos campeões, que no gramado mantém suas glórias, é a Desportiva Confiança, os operários dão nome a vitória, sua bandeira de cor ‘alvi’-anil sou Confiança em todo o Brasil!<sup>14</sup>

Essas práticas esportivas entre os operários era uma estratégia de organização do tempo livre do trabalhador. Segundo Rago e Moreira, isso constituía “o ‘*dopolavoro*’, neologismo criado pelo engenheiro Mário Giani para indicar o tempo livre após o trabalho,

---

<sup>14</sup> Trecho do Hino da Associação Desportiva Confiança

organizado para as atividades recreativas e culturais dos operários fora da fábrica de modo a integrá-los ao mundo da produção” (RAGO E MOREIRA 2003, p. 58).

Antes de adentrarmos a discussão sobre a modernização do futebol propriamente dita, e a configuração deste como mercadoria, é interessante trazer a questão dos jogos na Roma Antiga e o que levava os magistrados a promovê-los. É importante reforçar que esse intento é para articular uma questão de presente com o passado, entendendo que esse não é uma continuidade, mas, como propõe Foucault (1978), uma possibilidade de buscar visibilidades e devires excluídos dos discursos até então elaborado pelos estudiosos.

## 2.2 Evergetismo

Encontramos na história, principalmente ao se falar das lutas de gladiadores, a noção da promoção de jogos para a ocupação da plebe ociosa, que vivia da política de pão e circo no qual as arquibancadas romanas eram frequentadas por uma população pobre, desocupada, fascinada por espetáculos sangrentos. Essa afirmativa não difere do que se pensa a respeito do futebol nos dias de hoje.

Paul Veyne (2015) acrescentou uma nova perspectiva crítica sobre os espetáculos, desconsiderando a ideia de que a plebe romana seria uma massa apolítica e violenta. O evergetismo tratado aqui contribui para a tentativa de sair do escopo da violência na discussão sobre o torcer. O evergetismo é uma referência genealógica desse tipo de olhar sobre as torcidas.

A palavra evergetismo é um neologismo criado por André Boulanger e Henri-I. Marrou. Ela foi elaborada nos moldes da minuta dos decretos honoríficos helenísticos, através dos quais as cidades enalteciam aqueles que, por sua fortuna ou sua atividade pública, “ajudavam a cidade” (VEYNE, 2015).

O evérgeta era o responsável pela a edição desses jogos e era conhecido como um homem que ajudava a coletividade com o seu dinheiro. As evergesias estavam à disposição de todos, e não para alguns indivíduos, sendo vistas como bens coletivos (VEYNE, 2015). Os magistrados do ano, oficiais eleitos na Roma Antiga, recebiam uma quantia fixa do Tesouro para exercer o seu dever, porém essa quantia era insuficiente para a realização dos grandes espetáculos. Eles pagavam grande parte das despesas com seus próprios recursos, o qual submetiam de bom grado. As evergesias, as beneficências, eram presentes simbólicos, um

meio que o protetor possui para transmitir a seu protegido o sentimento de uma relação de igualdade (VEYNE, 2015).

Poderia questionar se esses presentes seriam uma forma de corrupção, mas o autor esclarece que:

1º) Nas eleições, a “corrupção”, os jogos, os presentes ou o clientelismo, os interesses individuais ou locais, desempenham um papel decisivo somente na ausência de interesses mais amplos ou mais urgente; nessa ausência, era importante para cada candidato ser eleito, porém, para os eleitores, pouco importava que candidato seria eleito. 2º) Na vida política ordinária, os presentes não eram um preço de compra das consciências, mas um gesto simbólico cujo o papel era comparável ao que exerce, na França, um buquê de flores ou uma joia nos relacionamentos galantes (VEYNE, p. 399, 2015).

Estes presentes possuem quatro funções: satisfação, anúncio, símbolo e indício, pois, em si, eles são um objeto que tem seu valor; eles expressam que o doador tem algumas intenções; simbolizam a atitude generosa ou deferente que se manifesta a quem será presenteado; e revela que ele compartilha, nessa área, os princípios que os aspirantes rivais por sua vez também professaram. Portanto, os presentes não compravam a popularidade, mas facilitavam a sedução e selavam ritualmente um acordo (VEYNE, 2015).

Esses presentes faziam parte do jogo de poder entre o imperador e o povo que, por muito tempo, foi compreendido pela política do pão e circo. Os versos de Juvenal foram proverbiais: “o povo romano, que em outros tempos distribuía magistraturas, ligas, legiões, tornou-se mais modesto: seus desejos ansiosos não exigiam nada mais do que duas coisas, seu pão e seu circo” (VEYNE, 2015). A política de *panem et circenses* foi compreendida em dois sentidos diferentes, o pão e circo teriam sido dados a Roma em troca de poder da classe dirigente ou em troca de privilégios da classe proprietária; causando a confusa ideia de despolitização.

O anfiteatro era um lugar onde povo e imperador se defrontavam e lutavam por seus interesses, através disso o povo teria contato com a ideologia dominante e os jogos de poder implícitos, assim como nos estádios de futebol (GARRAFFONI, 2008).

Igualmente aos espetáculos na Roma Antiga, o futebol é visto como um ritual alienante no qual desvia a atenção do povo das questões políticas, é a noção da massa que deve ser dominada e disciplinada através da concessão de prazeres.

Fazer um paralelo entre as evergesias e os jogos na Roma antiga com o futebol serve

para fomentar a discussão de que a arquibancada é palco para que os grupos expressem sua opinião quanto ao Estado dominante, e este, como de costume, atualiza suas técnicas para manter o controle da população. Veremos mais à frente de que modo se pode pensar isso no futebol.

### **2.3 História do torcer no futebol**

Assim como dentro de campo, nas arquibancadas os frequentadores, inicialmente, eram membros da elite brasileira que, nas primeiras décadas deste esporte no país, eram referidos como assistência. Esse termo “teria uma origem erudita, pois era deslocado da taxonomia dos espetáculos musicais, como os concertos ocorridos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, espaço de gala e requinte erigido nos anos seguintes à Proclamação da República” (HOLLANDA, 2009, p.101).

A assistência era composta, em sua maioria, por mulheres e foi apenas nos primeiros anos do século XX, com a fundação de equipes como a Ponte Preta (Campinas), o Bangu (Rio de Janeiro) e Corinthians (São Paulo) que as classes “populares” passaram a ser representadas (CINTRA SOBRINHO, 2005).

A palavra torcedor surgiu sinalizando que não se tratava meramente de um público que assistia ao jogo sem qualquer envolvimento. Ela é oriunda do verbo torcer e consignada pelos cronistas a partir da observação do público na arquibancada que contorcia os lenços diante de lances de indefinição e ao arremate de um gol. Esse comportamento era a expressão sutil do sofrimento com as tensões da partida que devido à presença feminina na arquibancada moderava-se os berros (HOLLANDA, 2009).

As torcidas uniformizadas eram formadas por grupos de pessoas que buscavam através de instrumentos musicais e vestidos em uniformes, incentivar seus clubes. Este conjunto de pessoas era denominado de “charanga” que possuíam um chefe de torcida, o torcedor-símbolo (PALHARES et. al., 2012).

Laudo Natel, governador de São Paulo em 1960 e 1970, e Manoel Porfírio da Paz foram os responsáveis pela fundação da Torcida Uniformizada do São Paulo em 1940. Em 1942, Jaime Rodrigues de Carvalho foi o responsável pela fundação da Charanga Rubro-Negra, do Flamengo, (MURAD, 2012).

Em São Paulo, que se encontrava a passo de Estado Novo varguista (1937-1945), no

qual eram defendidos valores trabalhistas como disciplina, organização, coletividade e inclinação ao trabalho constante (PARDINI, 2009, p. 143), a *Rádio Gazeta* e a *Gazeta Esportiva* realizaram um concurso para avaliar as torcidas do campeonato paulista de 1943, no qual eram considerados quesitos como disciplina, entusiasmo, coro e organização, harmonia e originalidade e eram premiados os clubes que tivessem suas torcidas nas três primeiras posições e eram dadas medalhas aos chefes de torcidas.

No Rio de Janeiro, a Charanga do Flamengo reunia os torcedores em torno de um grupo musical que tocava marchinhas carnavalescas, promovendo verdadeiras festas nos estádios com serpentinas e confetes. Este tipo de manifestação proliferou país afora, não sendo exclusividade de grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, aparecendo em outros centros urbanos. Em primeiro lugar, apenas o lenço branco expressava a adesão da torcida à camisa; veio depois bandeira, apito, corneta, pó-de-arroz, papel picado e até fumaça colorida. A cada gol que surgia, a resposta da torcida vinha de forma impecável (ASSIS, 2008).

As torcidas organizadas surgem diferenciando-se das uniformizadas, na qual possui um arranjo maior do que vestir uma camisa e tocar marchinhas.

O termo Uniformizada é anterior ao termo Organizada. Hoje, as maiores torcidas preferem a denominação Organizada para destacar que existe uma dada organização para além da mera uniformização (uso de uma camisa comum) de seus sócios nas arquibancadas. [...] É preciso destacar ainda que este torcedor-símbolo era identificado como chefe e não presidente da torcida. Hoje a designação chefe é recusada pelas maiores Torcidas Organizadas que possuem um organograma mais complexo estruturado em cargos, presidência, conselho deliberativo, diretorias (TOLEDO, 1996, p.26-27).

As organizadas ganharam visibilidade na década de 1990, pelo envolvimento em enfrentamentos físicos e com questões ilícitas. Em São Paulo, o episódio da batalha campal do Pacaembu, em 1995, foi transmitido ao vivo e incitou o debate sobre as torcidas organizadas. No episódio houve invasão de campo por torcedores da Independente, principal organizada do São Paulo Futebol Clube, e da Mancha Verde, principal organizada da Sociedade Esportiva Palmeiras, e resultou em centenas de feridos e um adolescente morto. Esse acontecimento serviu como disparador para o questionamento sobre medidas policiais como o cadastramento dos torcedores, a proibição da existência de torcidas organizadas e a ainda a proibição da entrada de determinados materiais em estádios paulistas (MENEZES, 2011).

Essas medidas chegaram à Sergipe e as torcidas dos principais times precisaram se adaptar a elas. Durante a pesquisa essa questão se fez presente de modo constante:

O Ministério público proibiu os instrumentos no estádio, mas isso não significa que vamos ficar calados amanhã no Batistão... amanhã vocês não podem, amanhã acima de tudo é que vamos cantar mais, tá!?. então vocês aqui estão cientes que trovão azul, torcida jovem, movimento azulino vão, mas precisamos de vocês e vamos subir dragão contra tudo e contra todos, ok?!<sup>15</sup>

Além disso, pesquisas realizadas por acadêmicos (MURAD, 2012; REIS, 1996) e reportagens veiculadas pela imprensa especializada (JORNAL LANCE!, 2012) reforçaram essa associação das organizadas com a violência através de resultados e manifestos que apresentavam o aumento dos índices de mortalidade decorrentes da rivalidade entre torcedores organizados.

Nas pesquisas de Murad (2012) no Brasil, o número de torcedores violentos dentro das torcidas organizadas é de 7%, sendo uma minoria, dentro de outra minoria (afinal, a torcida organizada representa uma pequena parte do número total dos torcedores de um time) e apesar disso essa minoria requer atenção, segundo o autor.

Em Sergipe, um torcedor da Associação Desportiva Confiança, um dos fundadores da Torcida Trovão Azul, falou a respeito das brigas que envolvia as torcidas organizadas.

São poucos que brigam, o que acontece é que a torcida vende os uniformes dela, pois é desse dinheiro que a torcida sobrevive, e com isso acaba acontecendo de uma pessoa se envolver numa confusão vestido com a camisa da Trovão porque havia comprado, mas sem fazer parte. Com isso as pessoas dizem, por ver o torcedor com a camisa da Trovão, que foi um integrante que estava brigando. Por isso que eles querem oficializar a torcida, para que eles possam ter o controle de quem são os integrantes.

O interlocutor da fala acima é um torcedor da torcida Trovão Azul, organizada da Associação Desportiva Confiança, e fundada em 22 de junho de 1986 por torcedores que frequentavam O Caldinho, bar localizado no Centro de Aracaju. A torcida ganhou esse nome devido ao barulho dos fogos de artifício nos dias de jogo (<http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-TROVAO-AZUL-331.html>).

Os donos do bar eram dois irmãos, um torcia para o Sergipe e o outro para o

---

<sup>15</sup> DIÁRIO DE CAMPO 05/07/15

Confiança. Apesar disso, o bar ficou como ponto de encontro da torcida Trovão Azul. O nome da torcida surgiu devido ao grande barulho que eles faziam nos jogos com os fogos de artifício; trovão por causa do barulho, azul a cor do time.<sup>16</sup>

Em 8 de Agosto de 1993, surge a Torcida Esquadrão Colorado, organizada do Clube Sportivo Sergipe, fundada por dois torcedores. Em 1996 a torcida foi desfeita e três anos mais tarde retornou aos estádios mantendo o nome inicial e sob nova presidência (<http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-ESQUADRAO-COLORADO-333.html>).

Alguns anos mais tarde, jovens torcedores que se desmembravam das torcidas organizadas fundaram uma nova denominação de torcida, as chamadas torcidas jovens<sup>17</sup>. A Torcida Jovem do Confiança foi fundada em 21 de setembro de 2001 e a Torcida Sangue Jovem do Sergipe aparece em 08 de Abril de 2007 (<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-sergipe>).

Além destas torcidas, observa-se em grupos da rede social “Facebook”, a existência de outros grupos de torcedores que sentavam juntos para assistir aos jogos nos estádios, fundando um “novo modo<sup>18</sup>” de torcida. Essa nova torcida não possui cadastramento para os seus membros se rotulando como não ter características de uma organizada. Em 2011 surgem as torcidas, Setor B do Sergipe e o Movimento Azulino do Confiança. Novo modo de torcida apareceu em todo o Brasil, como no Rio de Janeiro podemos apontar os casos da torcida Urubuzada do Flamengo, da Guerreiros do Almirante do Vasco da Gama e da Legião Tricolor no Fluminense (MENEZES, 2011).

Esses agrupamentos de torcedores buscam um distanciamento da violência, atribuída às torcidas organizadas pelos meios de comunicação e adotam um novo modelo de torcer. Ambas as torcidas declaram como valor o seu amor incondicional ao clube e os seus integrantes acompanham as partidas sem parar de cantar e acenar suas bandeiras. Eles possuem um espaço delimitado para os seus integrantes e não é permitido que o grupo insulte

---

<sup>16</sup> DIÁRIO DE CAMPO FEIJOADA 05/07/15

<sup>17</sup> Esse novo modo de torcer será explicado mais a frente.

<sup>18</sup> Utilizo esse termo para marcar as mudanças históricas e socioculturais das torcidas e não uma categorização delas.

ou discorde do clube, como protesto, assim como na fala do torcedor a seguir.

Haviam poucos torcedores e isso facilitava com que os gritos fossem ouvidos pelos jogadores com mais facilidade. Os torcedores davam as instruções do que tinha que ser feito e xingava as jogadas ruins. Até que um torcedor do Setor B, começou a brigar com outro torcedor “comum” que estava xingando os jogadores, “a torcida tem que apoiar”, gritou o torcedor.

Outro torcedor “comum” que viu a discussão falou “não pode nem xingar mais”. Logo em seguida o Estaciano<sup>19</sup> fez um gol e o torcedor continuou falando, “mas tem que apoiar, né?”.<sup>20</sup>

Percebemos que a maneira de torcer é moldada pelo contexto sócio histórico que acompanha o futebol e suas transformações. Veremos a seguir como essas mudanças estão vinculadas à atual modernização disciplinar do futebol.

## 2.4 O Futebol Moderno

Entendemos que o futebol passou por diversas transformações acompanhando o contexto sócio histórico. Veremos que desde a universalização do jogar, iniciado com as Regras de Cambridge e consolidado em 1863 com o livro de regras em Londres, podemos considerá-lo um esporte moderno, formal e institucionalizado.

Para Bracht (1997), a partir da Revolução Industrial quando termina a mercantilização da força de trabalho, o esporte ganha novas características que harmoniza com a sociedade capitalista moderna. O autor conceitua o esporte como uma “atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura européia por volta do século XVIII como fruto da Revolução Industrial e que, com esta, expandiu-se para todos os cantos do planeta” (BRACHT, 1997 p.5).

Neste contexto, o esporte passa de uma prática amadora e lúdica para o seu caráter mercadoria, em que:

O esporte de alto rendimento ou espetáculo vai organizar-se a partir dos princípios econômicos vigentes na economia de mercado, situa-se no plano da transformação da cultura em mercadoria, é parte do que se chama de indústria do entretenimento e precisa ser estudado no plano da economia da cultura (BRACHT 1997, p.107).

---

<sup>19</sup> O Estaciano Esporte Clube é um clube de futebol da cidade de Estância, no estado de Sergipe, e foi fundado em 14 de junho de 1956.

<sup>20</sup> DIÁRIO DE CAMPO 10/02/16

O torcer também foi atingindo por essa perspectiva do futebol como mercadoria. Esse processo foi construído ao longo de anos, iniciando com a busca de exercer controle sobre as torcidas com o intuito de discipliná-las. A respeito disso, Hollanda vai afirmar que:

Duas competições, pois, se armavam: uma no campo, outra na arquibancada. A repercussão da competição entre as torcidas implicava o envolvimento dos dirigentes dos clubes, que apoiavam as lideranças torcedoras para que elas pudessem organizar e promover a alardeada festa multicor (HOLLANDA, 2012, p.89).

Chefes de polícia, dirigentes das federações esportivas, jornalistas, diretores e presidentes dos clubes acreditavam que as torcidas deveriam ser controladas, pois enxergavam nelas um elemento perigoso: “o objetivo era inculcar disciplina entre os torcedores em suas horas de diversão nas praças de esporte, com a supressão das palavras de baixo-calão e a contenção dos distúrbios que volta e meia faziam ressurgir o espectro da turba também nos estádios” (HOLLANDA, 2012 p.92).

Michel Foucault, ao estudar o poder disciplinar, aponta para como a disciplina trata de uma estratégia de poder e dominação, que atende as necessidades daqueles que a exercem e que “de uma maneira global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas” (FOUCAULT, 2013, p. 206).

Quando Foucault fala de poder, ele se refere a uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, funcionando em rede em que os indivíduos circulam e estão em posição tanto de estar submetido a ele quanto de exercê-lo, ou seja, o poder transita entre os indivíduos (FOUCAULT, 1999).

O que acontece nas torcidas de futebol diante desta tecnologia de poder é o surgimento de diversas outras formas de organização torcedora. O caso de Jaime do Flamengo é um exemplo disto devido ao papel de controlar e vigiar as torcidas que, como relatou Hollanda (2012), o caso é um exemplo disto devido ao papel de controlar e vigiar as torcidas, auxiliando o trabalho da polícia, na tentativa de evitar que esses arremessassem objetos no gramado, o uso de palavrões, os tumultos no acesso às tribunas (HOLLANDA, 2012).

Vemos nessa organização das torcidas, técnicas de poder que asseguravam a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em serie e em vigilância) e a organização, em tomo desses corpos individuais, de todo um

campo de visibilidade (FOUCAULT, 1999).

Técnicas de docilização dos corpos “que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” fabricando assim “corpos submissos e exercitados, corpos dóceis.” (FOUCAULT, 2013, p. 133).

Na medida em que essas tecnologias de poder vão se aprimorando novas formas de controle da massa vão se estabelecendo. Contudo, isso não quer dizer que o controle desse corpo dócil seja substituído pela regulação dessa massa, pois essas práticas serão reativadas conforme a necessidade do poder.

A polícia tá pegando mais no pé. Toda vida teve preconceito com o torcedor organizado. Nem todos são vagabundos, mas como todo mundo fala... em toda... como tudo, na polícia, o médico, o advogado... sempre tem um mal profissional, bem assim é na organizada. Não é todos. O preconceito é grande contra nós, mas tá tudo tranquilo para 2016. Vamos ser campeão, né?!<sup>21</sup>

Diante destas mudanças, o público no estádio diminuiu, evasão esta, também atrelada a uma reconfiguração dos investimentos para além da renda nos estádios. Os preços dos ingressos aumentaram e os principais jogadores dos times são vendidos para ajudar na receita do time.

É interessante demarcar nesse momento a mudança que ocorre nas torcidas devido a uma série de rupturas que levaram ao surgimento das organizadas, não somente no Brasil. Gary Armstrong (1998), Eric Dunning (DUNNING; ELIAS, 1985) e Ramón Spaaij (2006), em seus respectivos estudos sobre o problema do hooliganismo<sup>22</sup> no Reino Unido, mostraram que a partir da década de 1960 houve uma divisão nas arquibancadas, no qual os jovens homens entre 14 e 25 anos passaram a assistir aos jogos juntos e a ocupar o mesmo espaço nas arquibancadas, excluindo homens mais velhos, crianças e mulheres.

Hollanda (2012, pp.108-109) aponta que as justificativas dos jovens torcedores para essa transformação “tinham um tom mais áspero, acusatório. Eram motivadas pelo cerceamento dos chefes de torcida, que tolhiam a livre manifestação dos torcedores”. Os

---

<sup>21</sup> DIÁRIO DE CAMPO 17/10/2015

<sup>22</sup> Grupo de jovens composto pela associação entre os skinheads e os torcedores de futebol.

torcedores não podiam externar seus pensamentos ou criticar o desempenho de jogadores, técnicos e dirigentes, que era vetado pelos líderes da torcida.

Se nos anos de 1964 à 1985 a ditadura militar visava controlar os discursos sobre política, sociedade e Estado, a torcida respondia se desamarrando das correntes impostas pelos clubes, pela polícia militar e pelos chefes de torcida que controlavam as vozes e o comportamento do público espectador. Os estádios se tornavam um lugar de protesto, onde os jovens encontram espaço para expressar suas insatisfações - o que não quer dizer, e não foi resolvida desta forma, que faceta repressiva do poder do Estado não deixou de estar presente nos estádios apesar da manifestação de insatisfação das torcidas (MURAD, 2012).

Para quem diz que futebol e política não se misturam, o que acontece no futebol não é nada menos do que o reflexo da sociedade. E se há problemas estruturais na sociedade, de certo eles aparecerão no futebol.<sup>23</sup>

O Estado encontrou outras formas de manter o controle desses corpos passando agora a regulamentá-los. Em meio a todo esse processo, o registro das torcidas passou a ser também uma ferramenta de administração. Percebe-se então a positividade do poder.

Na Europa em 1990, um relatório coordenado pelo Juiz Taylor de Gosforth, foi criado para investigar as causas e consequências dos hooligans, e fixar medidas de prevenção e punição. O Relatório Taylor propunha a criação de um calendário organizado para os jogos e torneios e várias medidas de controle das torcidas como a venda de ingressos com lugares marcados, limpeza do local, organização, policiamento ostensivo, uma nova legislação com suas penas mais duras e entre outras (MURAD, 2012).

No Brasil, o controle e regulamentação das torcidas de futebol se concretizaram com o Estatuto do Torcedor, sancionado via Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003. Abordando questões como os direitos de consumidor dos esportes, a lei ficou conhecida como uma iniciativa do governo para combater a violência nos estádios de futebol. Segundo o Art. 1º “Este Estatuto estabelece normas de proteção e defesa do torcedor” (BRASIL, 2013).

Em 27 de julho de 2010 o governo brasileiro modifica o Estatuto do Torcedor, sancionando a Lei nº 12.299, especialmente quanto às medidas de prevenção e repressão à

---

<sup>23</sup> TRECHO DO TEXTO CONTRA O FUTEBOL MODERNO

violência nas competições esportivas.

O atual Estatuto possui 45 artigos divididos em doze capítulos, nos quais tenta estabelecer o que é uma torcida ou um torcedor esportivo e qual a forma de torcer, limitando o que é legítimo ou não nessa prática. Essa definição de torcedor aparece no segundo artigo, declarando que “Torcedor é toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do país e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva”. O documento declara da seguinte forma:

Art. 1º-A. A prevenção da violência nos esportes é de responsabilidade do poder público, das confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entidades recreativas e associações de torcedores, inclusive de seus respectivos dirigentes, bem como daqueles que, de qualquer forma, promovem, organizam, coordenam ou participam dos eventos esportivos.

Art. 2º-A. Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade (BRASIL, 2013).

Encontramos no primeiro e segundo artigo a questão da violência e das torcidas organizadas aparecendo como os principais pontos do estatuto, e a preocupação de definir quem é responsável pela prevenção da violência, além de legitimar o que é uma torcida organizada.

Como um aprimoramento dessas leis, a FIFA, em meio a Copa das Confederações de 2013 e a Copa do Mundo em 2014 no Brasil, produziu o Código de Conduta no Estádio, “que regula as políticas e medidas de segurança aplicáveis para as pessoas que possuam ingressos e estejam em uma partida” (IDEC, 2014, p. 1). Para a melhor compreensão dos “torcedor-consumidores” brasileiros, o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC) organizou as principais orientações do Código de Conduta da FIFA e da Lei da Copa, com observações do Código de Defesa do Consumidor (CDC) (IDEC, 2014).

O documento, que apresenta na sua capa a imagem de cadeiras enumeradas, partindo das orientações contidas no Código de Conduta no Estádio, apresenta as informações sobre o que pode ou não fazer nos estádios e nas redondezas; os direitos e deveres do consumidor na compra dos ingressos; a presença de pessoas identificadas como “Autoridades da Copa do Mundo da FIFA” responsáveis por orientar, organizar e manter a segurança dentro dos estádios; e o direito dos “torcedor-consumidores” fora do estádio, como em bares e restaurantes e no transporte.

E o futebol vem atendendo a esses torcedores-consumidores, oferecendo vários mercados com diversas empresas atuantes como, as de material esportivo com as chuteiras, bolas e uniformes oficiais e as escolinhas franqueadas treinam as crianças de forma lúdica; (PRONI, 2014).

No Estatuto e no Código de Conduta do Torcedor há também uma regulação dos discursos dos torcedores no qual, como previstos nestes, não se pode dizer tudo. A consequência disso é a regulação pela própria torcida, pois, “a torcida tem que apoiar<sup>24</sup>”, não cabendo a eles demonstrarem qualquer discordância quanto ao clube, “não pode nem xingar mais<sup>25</sup>”.

Foucault (2008), ao falar de segurança, afirma que é saber como manter um tipo de criminalidade dentro dos limites que sejam social e economicamente aceitáveis, buscando atingir uma média para o bom ordenamento social. Para isso, criam-se, leis que estabelecem punições para os que infringirem, como encontramos nessas regulamentações. Com isso, aparece o mecanismo disciplinador que é lei enquadrada por mecanismos de vigilância e de correção. Junto a isso, há uma série de técnicas adjacentes, como os saberes especializados que, baseados em estatísticas, apontam, no caso do futebol, os números de violência nos estádios, que, como afirma o autor, “são do domínio da vigilância, do diagnóstico e da eventual transformação dos indivíduos” (FOUCAULT, p 8, 2005).

Durante um evento organizado pelo Confiança em Aracaju, as torcidas se manifestaram a respeito da regulamentação que o Ministério Público estava impondo.

Quero dizer que a Trovão Azul está agora com uma nova diretoria, estamos fazendo o possível. Já estamos na corrida para registrar a nossa torcida, fazer tudo que a justiça tá pedindo entendeu, é... gostaria de passar para todos também que infelizmente nosso diretor-geral não pode vir o pai dele tá hospitalizado, entendeu... o presidente também não pode vir, mas eu vim com o pessoal, o resto da diretoria, a bateria para representar. Dizer que a Trovão Azul tá em total apoio ao Confiança, entendeu (palmas)... a regra da nossa diretoria, da Trovão Azul é trabalhar de acordo com a diretoria do clube. A Trovão Azul tá trabalhando de acordo com a Associação Desportiva Confiança, entendeu... esse negócio da diretoria do Confiança e a diretoria da Trovão Azul ter desavença, jamais, que a gente trabalha em paz ... se ganha vamos recepcionar os jogadores no aeroporto, vamos dá todo tratamento que eles merecem, se perdem vamos cobrar, entendeu...

---

<sup>24</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 10 DE FEVEREIRO DE 2016.

<sup>25</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 10 DE FEVEREIRO DE 2016.

mas a proposta é isso aí, a nova diretoria está se unindo, está em total apoio para um trabalho contínuo, entendeu... é isso aí galera, boa feijoada, fiquem todos a vontade, agradeço a presença de todos, entendeu... e é isso aí... peço que, é, mude muito essa visão da Trovão Azul, dizer que a gente tá fazendo um trabalho excelente pra expulsar, expulsar de todas as formas alguns maluqueiros que se infiltram na nossa torcida, entendeu... (palmas) dizer, a nossa torcida é feita de pais, funcionários públicos então não podem generalizar e dizer que todos são vagabundos, é uma pequena minora e estamos fazendo um ótimo trabalho para excluir da nossa torcida, porque esses maluqueiros não acrescenta a gente em nada, entendeu... e muito obrigada a todos pela presença, viu!<sup>26</sup>

Ao conversar com um torcedor do Sergipe sobre essas medidas do Ministério Público, a transição do futebol e a modernização da Arena Batistão, que agora contava com cadeiras que obrigava as pessoas a se sentarem e outros dispositivos de controle e vigilância, ele respondeu:

Tem essa questão que alguns torcedores... tudo que é novidade choca, até quando você tá acostumado a uma situação e você precisa mudar totalmente pra poder se adaptar isso a princípio choca, mas eu acredito que mudanças tão boas quanto, é... a segurança, infraestrutura também no Batistão tem muito a oferecer e nós também vamos nos adaptar e principalmente a torcida do Sergipe, sempre foi tão criativa, sempre foi tão inovadora, isso vai ser só mais uma motivação para que a torcida do Sergipe continue fazendo a festa que sempre conseguiu fazer no Batistão... choca no sentido que, é... é preciso também se reeducar, saber que agora existe, até pra torcida, algumas situações que você precisa, é... se estabelecer no sentido de, é... saber que você não, que alguns materiais você não pode levar, é... algum tipo de comportamento, ele já não é mais tolerado<sup>27</sup>.

Já outro torcedor do Sergipe ao falar sobre o protesto feito uma torcida do clube, no qual contava durante algumas partidas do time com uma faixa afirmando “Contra o futebol moderno”, afirma:

Eu acho que é uma questão cultural. Estamos nessa geração de transição, mas a próxima será diferente, já se acostumarão com isso. A própria torcida organizada que acabou com as charangas e agora eles estão querendo voltar.<sup>28</sup>

Portanto, a estratégia do Estado é a de definir formas legítimas e ilegítimas de torcer criando registros para as torcidas e seus membros e, como dupla via, atribuindo definições para infrações e penalidades destes, determinando que obedeçam às normas. Diz um torcedor:

---

<sup>26</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 05 DE JULHO DE 2015.

<sup>27</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO DE 2015.

<sup>28</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 20 DE MARÇO DE 2016.

Para mim essa história do futebol moderno é muito radical. Eu acho que o aumento no valor do ingresso diminui a incidência de brigas, sei lá, não é preconceito, mas eu acho que diminui.<sup>29</sup>

“Eles são uns marginais. Melhor assim, menos, mas mais tranquilo”.<sup>30</sup> ; “Não vacile, torcedor que compra ingresso de cambistas não é legal”; e “Não jogue objetos no campo. Torcedor que joga objetos não torce pelo seu time”.<sup>31</sup> foram mensagens vistas no telão durante intervalos de jogos no Batistão, apresentada pela Secretaria do Estado do Turismo e do Esporte-SETESP, mesmo órgão responsável por passar os resultados dos jogos regionais e nacionais durante a partida.

Ao ver uma família de sete pessoas, incluindo mulheres e crianças um torcedor afirmou “O futebol moderno não conseguiu nos vencer”.<sup>32</sup> Perguntei-o sobre o que pensava a respeito do Futebol Moderno e o mesmo respondeu: “Essa teatralização? Eu sou a favor da popularização do futebol!”.

Durante a pesquisa tive a oportunidade de ir a dois jogos no estádio Etelvino Mendonça na cidade de Itabaiana, e lá pude resgatar como é estar em um estádio em que não há cadeiras marcadas, e que o espaço para a geral ainda existe.

Ao entrar no estádio lembrei-me do primeiro dia que fui ao Batistão. Assim como em minha lembrança no Batistão, o Etelvino Mendonça possuía as arquibancadas de concreto. Quase não dava para ver se havia um espaço reservado para cadeiras. Acho que não percebi devido à nostalgia do momento, apesar da recordação ser de pouco tempo, há quatro anos.

Por onde entramos só havia um caminho com uma grande rampa que dava acesso as arquibancadas. O estádio possui a estrutura antiga, com espaço para a “geral”. Quatro refletores faziam a iluminação do campo.<sup>33</sup>

Na modernização dos estádios, com as cadeiras numeradas localizadas dentro de espaços geográficos organizados a partir de uma ótica da “eficiência higienista”, do “exclusivo”, passa a excluir aqueles que não têm condições para pagar pelo privilégio de

---

<sup>29</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 06 DE JULHO DE 2015.

<sup>30</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 11 DE JULHO DE 2015.

<sup>31</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 16 DE ABRIL DE 2016.

<sup>32</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 10 DE ABRIL DE 2016.

<sup>33</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 03 DE ABRIL DE 2016

assistir ao espetáculo.

O futebol moderno seria como instituição disciplinadora e civilizadora, dotada de regras. “Isto traz civilidade para o ser humano.”<sup>34</sup> falou um torcedor ao apontar para as novas cadeiras que tomavam o lugar das antigas arquibancadas.

Com essa espécie de higienização, o Programa Sócio-torcedor fica como responsável por atrair novos torcedores, oferecendo vantagens a quem comprar seus planos, pois o associado tem uma maior facilidade para adquirir seu ingresso, sem necessariamente esperar na fila da bilheteria, e ainda oferece a esses os lugares reservados uma melhor localização para a visualização da partida (AZEVEDO, 2013).

O torcedor do Sergipe explicou como funciona o programa no seu clube:

O sócio torcedor funciona da seguinte forma você paga um valor mensal né, mensalmente você paga valor específico e são várias possibilidades de valor que dá direito a alguns benefícios né, pode ser o sócio bronze o sócio prata ou sócio ouro. O bronze ele vai dá direito a vantagens internas de desconto em promoções, descontos em camisas de clube acesso à área social do Clube piscina e toda a situação. O prata ele dá direito a ingresso quando o mando é do Sergipe, além do mais você ganha um cartão, que uma coisa que você tem orgulho de ter. É basicamente isso, o prata tem os mesmo benefícios do bronze acrescentado essa questão do ingresso que você tem lá na arquibancada tanto do Batistão. quanto do Joao Hora. O ouro tem a vantagem de você ficar nas cadeiras, na parte coberta do Batistão e aí tem algumas vantagens a mais, o sorteio, a proporção de possibilidade de vencer é maior... tem essas vantagens. Então assim eu creio que vale a pena, vale bastante a pena você ter o orgulho de dizer que você é sócio do clube.<sup>35</sup>

Portanto, ao aderir ao programa o torcedor-consumidor estabelece uma relação comercial com o clube, cabendo às partes envolvidas, direitos e deveres. O Código de Defesa do Consumidor (Lei 8.078/1990) aponta em seu artigo 2º que o consumidor é toda pessoa física ou jurídica que adquire ou utiliza produto ou serviço como destinatário final. Sendo assim, o torcedor consumidor deve saber o termo de adesão do serviço oferecido, para fazer valer os seus direitos, bem como cumprir com seus deveres (AZEVEDO, 2013).

Os clubes estão se consolidando cada vez mais como uma empresa, que possui diferentes modos de se configurar, como afirma Ferreira et al. (p. 17, 2014):

1) Do clube com real estatuto de empresa, com ações na bolsa, acionistas, investidores, como alguns clubes ingleses – por exemplo, o Manchester United; 2)

---

<sup>34</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 11 DE JULHO DE 2015.

<sup>35</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE MAIO DE 2015.

do clube gerenciado por empresários – uma figura quase imperativa hoje, mesmo nos clubes mais tradicionais; 3) do clube em associação com uma empresa que passa a ter parte nos seus direitos – como o Fluminense-Unimed; 4) do clube que é propriedade de empresários – como o Tigres, de Duque de Caxias; 5) do clube cujos os passes de seus jogadores pertencem a um grupo de empresários que o usam como vitrine – por exemplo, times que recentemente ascenderam à primeira divisão, como o Avaí de Florianópolis, e o Atlético Goianiense, em 2008 e 2009.

Essas transformações alcançam também as intensidades do torcer, que também passa a ser mercadoria e tudo se torna capitalizável. O “Produto Interno Bruto (PIB) do esporte”, renda gerada em um conjunto diversificado de ramos econômicos, superou o PIB global, nos últimos dez anos e estima-se que o volume de dinheiro da indústria esportiva variou entre 1,5% e 2% do PIB, correspondendo a algo entre R\$ 75 bilhões e R\$ 100 bilhões no ano de 2014 (PRONI, 2014).

A atividade econômica dos clubes que compõem o negócio do futebol possui, segundo o autor, cinco frentes de comércio, a saber: o próprio espetáculo, a arrecadação da bilheteria e o direito de transmissão; as negociações que envolvem patrocínio, fornecimento de material esportivo e merchandising; a transferência de atletas; a exploração do estádio arenas como multifuncionalidade e o programa sócio torcedor (PRONI, 2014).

O conforto, a segurança, a higienização passou a ser moeda de troca para atrair os torcedores-consumidores.

Então é importante a evolução do esporte, que se tornou um estádio mais confortável. Algumas pessoas não gostam porque perde um pouco aquele saudosismo do esporte, de arquibancada, de chão duro, de você torcer em pé.<sup>36</sup>

Isso confunde a cabeça do consumidor. Vai mudar minha vida saber do campeonato mineiro. Como é que vai dar valor ao seu time se a SETESP fica anunciando os campeonatos de fora. Aí ainda dizem, não venham com a camisa de outros times”.<sup>37</sup> - afirmou um torcedor, falando a respeito da divulgação através dos alto-falantes sobre resultado dos campeonatos de outros estados. O que chama atenção nessa fala é que o torcedor utilizou a expressão consumidor no lugar de torcedor.

Vemos uma nova relação entre clube e torcedor se consolidar e, como consequência a isso, um maior combate à violência e ao enquadramento das torcidas organizadas e a exclusão de parcela significativa dos torcedores, que não têm renda suficiente para frequentar as novas

---

<sup>36</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE MAIO DE 2015.

<sup>37</sup> DiÁRIO DE CAMPO, 10 DE ABRIL DE 2016.

arenas.

### 3. AS INTENSIDADES AFETIVAS

Busco tratar aqui sobre as intensidades que o torcer proporciona. Essa temática recebe um capítulo a parte devido ao fato dela ter sido responsável na mudança no olhar sobre o futebol, saindo da perspectiva da violência. Para isso utilizarei o trabalho de Johan Huizinga que fala do jogo e suas intensidades e propõe que o jogo é um elemento da cultura. Foi através dessas intensidades que percebi que havia sido afetada por esse ambiente e para discutir isso utilizarei o trabalho de Jeanne Fravet Saad sobre ser afetado.

Ser afetado diz respeito à experiência de habitar um outro lugar, de ser tomado por suas “intensidades específicas”, as quais, em geral, “não são significáveis” (Favret Saada, 2005, p. 155, 159). Ao ser afetada por essas intensidades apresentei reações que escaparam ao meu controle e com isso pode ser aberto um campo de comunicação diferente com os torcedores, trazendo uma nova configuração na relação sujeito e objeto, como afirma Deleuze e Guattari (1992) ao falar de outrem:

(...) como expressão de um mundo possível num campo perceptivo, somos levados a considerar de uma nova maneira os componentes deste campo por si mesmo: outrem, não mais sendo nem um sujeito de campo, nem um objeto no campo, vai ser a condição sob a qual se redistribuem, não somente o objeto e o sujeito, mas a figura e o fundo, as margens e o centro, o móvel e o ponto de referência, o transitivo e o substancial, o comprimento e a profundidade (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p.30).

Ao falar do jogo e suas intensidades o objetivo é de relacionar esse com o torcer, pois como já foi dito o torcer está ligado ao jogo, apesar de torcer e jogar serem coisas distintas.

O intensivo será tratado de diferentes formas pelos autores e a apresentação da experiência de pesquisa de campo acompanhará essa discussão, articulando a discussão sobre o torcer com o que foi vivido em campo.

#### 3.1 O jogo e suas intensidades

Os estudos sobre o jogo estão presentes em diversas áreas de conhecimento, com diversas explicações. Para Huizinga, a psicologia e a fisiologia buscam determinar a natureza do jogo, atribuindo-lhe um lugar no sistema da vida. Este lugar, para pesquisas desse gênero, é considerado o ponto de partida para o entendimento deste assunto (HUIZINGA, 2010).

Há uma extraordinária divergência entre as numerosas tentativas de definição da função biológica do jogo. Algumas delas acreditam que o jogo tem sua origem e fundamento

em termos de descarga da energia vital superabundante, ou uma satisfação de um certo "instinto de imitação", ou uma "necessidade" de distensão. O jogo também é visto para uma certa teoria como preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá, segundo outra, trata-se de um exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo. E continuam as várias definições: "impulso inato", "ab-reação", "realização do desejo" (HUIZINGA, 2010).

O que há em comum em todas elas é que, segundo Huizinga, "partem do pressuposto de que o jogo se acha ligado a alguma coisa que não seja o próprio jogo, que nele deve haver alguma espécie de finalidade biológica" (HUIZINGA, 2010, p.4).

O grande problema é que estas teorias se completam, pois, se algumas delas fossem verdadeiras, excluiria as outras. Segundo Huizinga, isto causa uma grande confusão de pensamento, não passando de soluções parciais para o problema. E a maioria delas preocupa-se superficialmente em saber o que é o jogo em si mesmo e o que ele significa para os jogadores deixando de lado o seu caráter estético (HUIZINGA, 2010).

O estudo de Huizinga apresenta uma proposta arriscada ao afirmar que o jogo antecede a cultura, entendendo que os animais não esperaram que os homens os iniciassem a atividade lúdica (HUIZINGA, 2010). Em seu texto, o autor descarta as bases biológicas e psicológicas no estudo sobre o jogo, pois para ele, ao afirmar que a natureza do jogo está em termos de instinto ou de socialização, não estaríamos tratando da questão do jogo em si, mas de algo que está fora dele. O que Huizinga apresenta no seu trabalho e que dialoga com as questões do torcer desta pesquisa é o caráter estético do jogo.

Ele afirma que poderia questionar as explicações da Biologia e Psicologia sobre o que há de divertido no jogo?; O que faz um bebê gritar de prazer enquanto brinca?; qual a razão para um jogador se deixar absorver por sua paixão?; qual o motivo que faz com que uma multidão seja levada até o delírio em jogo de futebol?

Estas perguntas, que tratam da intensidade do jogo e seu poder de fascinação, não podem ser explicadas por análises biológicas. Conforme Huizinga:

É nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo. O mais simples raciocínio nos indica que a natureza poderia igualmente ter oferecido a suas criaturas todas essas úteis funções de descarga de energia excessiva, de distensão após um esforço, de preparação para as exigências da vida, de compensação de desejos insatisfeitos etc., sob a forma de exercícios e reações puramente mecânicos. Mas não, ela nos deu a

tensão, a alegria e o divertimento do jogo (HUIZINGA, 2010, p 5).

Portanto, o estudo de Huizinga aponta o jogo como uma forma específica de atividade, como forma “significante”, como função social (HUIZINGA, 2010). Sendo assim, a noção de jogo referida pelo autor, é tal como ela é expressa pelas palavras mais comuns na maior parte das línguas europeias modernas, com algumas variantes, chegando a ser definido como:

Atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da "vida quotidiana" (HUIZINGA, 2010, p. 34).

Uma das características mais importantes do jogo para Huizinga é o fato de ser livre, sendo sempre praticado nas “horas de ócio”, ligado apenas a noção de obrigação quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto ou no ritual. A segunda característica é a de que o jogo não é vida “corrente” nem vida “real”. Ele possui uma esfera temporária de atividade com orientação própria, sendo uma evasão da vida real (HUIZINGA, 2010).

Há também o fato dele ser desinteressado, tendo em vista que ele não pertence à vida comum, não se situando nos mecanismos de satisfação imediata das necessidades e dos desejos, mas sim interrompendo esse mecanismo, aparecendo como um intervalo na vida cotidiana. Outro fator que o distingue da vida comum é o isolamento, a limitação. Ele é jogado até o fim dentro de certos limites de tempo e de espaço, também cria ordem e é a ordem, tendo em vista que a menor desobediência a esta “estraga o jogo” (HUIZINGA, 2010).

Encontramos algumas dessas características no torcer também. Um torcedor do Sergipe afirmou que

Mesmo quando não podia acompanhar indo ao estádio, eu sempre tinha vontade de estar acompanhando, de tá presente nos jogos, com, assim como 2014, 2013 aconteceu o fatídico acontecimento que minha mãe faleceu, então assim, acabou que, tipo, acabei buscando no Sergipe uma válvula de escape, então eu passei acompanhar mais o clube e cada dia, mesmo com os fracassos, dentro de campo, o clube... e o amor pelo clube só cresce e eu quero acompanhar esse clube até o dia que Deus permitir e eu tiver aqui nessa terra aqui.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO DE 2015.

O futebol ele é algo que mexe muito com essa questão popular, são pessoas que estão acostumadas a, por exemplo a frequentar aqueles ambientes a muito tempo e já tem em mente e já tem isso pra elas, que é um ambiente que elas podem fazer coisas que ela não são capazes de fazer no dia-a-dia, xingamento, expressão de um sentimento de uma forma mais exagerada e isso até incomoda algumas pessoas que não são, de certa forma acostumadas com esse tipo de reação.<sup>39</sup>

E você começa a se apegar, a conhecer melhor o clube vai se apegando vai criando aquele amor aquela paixão pela instituição e só faz crescer.<sup>40</sup>

A gente pode até mudar de esposa, mas de time não... mas eu amo minha esposa.<sup>41</sup>

Rapaz, além do time em si, pra mim é uma questão de família. É o momento que eu sei que vou ter é religiosamente com meu pai, com meu irmão, com meu primo.<sup>42</sup>

A gente queria que estivesse melhor... é ... o clube não foi bem na competição que disputou, que foi o estadual e aí acabou ficando o resto do ano sem jogar, mas como você tá percebendo hoje você vê que a torcida sempre tá presente, independente de fase, situação. Isso sempre nos motiva a fazer algo em prol do Clube, em prol dele se tornar aquilo que a gente quer, aquilo que a gente deseja. Então estamos aqui hoje por isso, pra isso e esperando que tenhamos 2016 melhor.<sup>43</sup>

Um torcedor, falando a respeito da diferença entre acompanhar os jogos no rádio e no estádio, afirmou:

Pra mim é... não é a mesma coisa. No estádio é uma emoção única, é uma emoção única, então acho que é uma diferença muito grande. É que no rádio tem aquela coisa que os narradores sempre fazem aquela coisa toda, ele transforma o jogo em verdadeiro teatro, mas, dentro a atmosfera do estádio de futebol é único, é algo único dentro da esfera do futebol.<sup>44</sup>

E assim como o futebol toca os seus jogadores e torcidas com as suas intensidades, faz também com que se aproxima desse ambiente que possui um espaço-tempo que difere da vida ordinária. O que será descrito a seguir é a proposta da antropóloga Fravet Saad sobre ser afetado com o objetivo de dialogar com a experiência vivida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

---

<sup>39</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO DE 2015

<sup>40</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO DE 2015.

<sup>41</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 05 DE JULHO DE 2015.

<sup>42</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO DE 2015.

<sup>43</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO DE 2015.

<sup>44</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO DE 2015.

### 3.2 Ser afetado

Para explicar o que é ser afetado, Fravet- Saad (2005) contrapõe esse termo ao de empatia, afirmando que este último supõe uma distância, na qual, é por não estar no lugar do outro que se imagina como é estar lá. Ao ser afetado, o pesquisador não imagina como é estar no lugar do pesquisado, ele é atingido pelas sensações, percepções e pensamentos de quem ocupa o lugar no qual ele estar. Outro contraponto que a autora faz, diz respeito ao fato de, ao ocupar esse lugar do pesquisado, não instrui o pesquisador em nada sobre os afetos do outro, o mobiliza, afeta e modifica.

O trabalho de Saad sobre feitiçaria foi conduzido na França entre os anos de 1968 a 1971, com sua redação e sua publicação em 1977. A autora trata do afeto no sentido do resultado de um processo de afetar, alguém ou além da representação, em que ao ser afetada pelas mesmas forças que afetam o pesquisado, fica propensa para que um certo tipo de relação possa se estabelecer na qual ocorre uma comunicação além da simples troca verbal.

Ao permitir ser afetado, um canal de comunicação com o pesquisado é aberto, “uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não” (FAVRET-SAAD, 2005, p. 159).

Sobre isso a autora salienta que:

(...) quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível (FAVRET-SAAD, 2005, p. 160).

Esse tipo de etnografia apresenta quatro traços distintos: a comunicação involuntária e desprovida de intencionalidade faz justiça àquilo que é afetado, no momento, o que é modificado pela experiência de campo, ou então àquilo que o pesquisador quer registrar essa experiência, quer compreendê-la e fazer dela um objeto de ciência; há uma separação das operações de conhecimento, pois no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência, no momento em que a narramos não podemos compreendê-la e a sua análise virá mais tarde; os materiais recolhidos são de uma densidade particular, e sua análise conduz inevitavelmente a fazer com que as certezas científicas mais bem estabelecidas sejam quebradas.

Durante a presente pesquisa, quando ia aos jogos com meu caderninho me apresentando como pesquisadora, os discursos que chegavam pareciam ter um direcionamento, ou melhor, eram mensagens que possuíam destinatários certos. Ao ir aos jogos sem o caderninho, a comunicação era mais espontânea assim como o meu comportamento.

Durante a pesquisa, percebi essas distinções quando a vibração da torcida me fez esquecer de que elas poderiam ser violentas, ou, em outro sentido, quando fui ao campo do Confiança e fui identificada, por um vendedor de geladinhos com o qual conversava, como torcedora do Sergipe, conforme diálogo transcrito abaixo:

P: Você vende sempre geladinho aqui?

V: Sim!

P: Você torce para Confiança?

V: Sim e para o Flamengo também. E você?

P: Eu? eu gosto de futebol

V: Você tem cara de ser rosinha.

P: Porque?

V: Você está muito quietinha. Cuidado! Você está pisando em solo azul.<sup>45</sup>

Nessa situação, fui surpreendida ao ser indagada quanto ao meu time. Quando o vendedor afirmou que eu tinha cara de “rosinha”, ele quis dizer que eu era torcedora do Sergipe, e ele de fato acertou. Tive medo de afirmar que torcia para o Sergipe e o vendedor percebeu minha insegurança. Eu estava no campo do Confiança e fui percebida por ele como infiltrada, estando em um local que não me seria permitido.

A rivalidade entre as torcidas do Sergipe e Confiança, que alimentou esse medo, faz parte do imaginário sobre as torcidas organizadas, e esse combate é retratado em suas canções:

Foi no João Hora que rolou o tumulto, foi bem em frente ao camburão, quando olhei só tinha três segundos, para puxar o meu trezoitão. TEC chegou na disposição, pegou a Trovão no Batistão... E no meio da correria... Soltei uma bomba pra você sentir. Quase no fim da festa... Um tiro foi o que aconteceu... Minha maior alegria, foi mais um da Trovão gay que morreu! Eu perguntava para a Mancha cú, a Trovão cú e a Bagay. No Batistão, a Esquadrão é rei.

Essa canção é a narração de um embate real entre as torcidas Esquadrão Colorado (TEC) e Trovão Azul. Ao citar a Mancha cú e a Bagay, a TEC está fazendo referência às torcidas organizadas Mancha Azul do Centro Sportivo Alagoano (CSA) e a Bamor do Esporte

---

<sup>45</sup> DIÁRIO DE CAMPO SABINO RIBEIRO 09/10/15

clube Bahia que possuem aliança com a Trovão azul.

Assim como o medo, o amor pelo time compõe a ambiguidade violência-intensidades que fazem parte do torcer, e esses afetos estão aquém e além da compreensão.

E eu não paro, não paro não, sou azulino, sou confiança de coração. Dragão ooh, dragão ooh, dragão ooh

Xálaialaia, xálaialaia, xálaialaia, dragão me deixa doidão<sup>46</sup>

Ole, ole, ole! Ole, ole, ola! Eu sou Sergipe, e o sentimento não vai parar!

Sergipee... Estaremos contigo, tu és minha paixão, não importa o que digam, sempre estarei contigo! Minha camisa vermelha e a cachaça na mão, o Batistão nos espera, vai começar a festa! Xalalala... Xalalala... Xalalala... Sergipe é nossa paixão!

Percebemos uma aproximação entre a ideia de Favreer-Saad (2005), sobre ser afetado, com a de Huizinga (2010), ao afirmar que o jogador pode entregar-se de corpo e alma ao jogo, e a consciência de tratar-se “apenas” de um jogo passando para o segundo plano. Essa entrega acontece também com os torcedores e aconteceu com a presente pesquisadora.

Foi numa disputa entre o Sergipe e Confiança, que me permiti perder a cabeça e esquecer totalmente da pesquisa. Não consegui inclusive fazer um diário de campo sobre esse dia, no entanto a situação permaneceu na memória. O jogo estava disputado, o Confiança fez o primeiro gol deixando a torcida do Sergipe enfurecida. Foi quando, próximo de terminar o primeiro tempo, o Sergipe fez um gol. A pesquisadora-torcedora que estava com a camisa do Sergipe na mão, começou a pular e rodar a camisa acima da cabeça, chamando a atenção de um torcedor que estava atrás e que ficou surpreso com a reação. Foi a partir da surpresa dele que percebi que havia me entregado de corpo e alma ao jogo.

---

<sup>46</sup> DIÁRIO DE CAMPO, 05 DE JULHO DE 2015, 1º FEIJOADA UNIÃO PROLETÁRIA.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciamos em 2013 as manifestações contra a Copa do Mundo de 2014 devido aos gastos excessivos de verbas públicas para a construção de estádios e estruturas para evento esportivo, e a isenção de impostos para a FIFA. O secretário geral da federação Jerome Valcke e o presidente Joseph Blatter declararam a imprensa que países como o Brasil, com democracias constitucionais, são obstáculos para a consolidação da Copa do Mundo. Adotou como medida o “Território FIFA” que delimitava uma área de dois quilômetros ao redor do estádio de zona econômica exclusiva.

Tive a oportunidade de ir a jogos da Copa do Mundo do Brasil e pude ver de perto essa configuração. Descíamos na estação de metro que ficava a dois km de distância e percorríamos a pé, até o estádio, passando por diversas revistas policiais, deixando claro que nada que não fosse autorizado pela FIFA poderia entrar neste raio de dois km.

As estruturas para o grande evento não se concentravam apenas nas cidades-sedes, mas também em outras que ficaram responsáveis por receber as seleções. Sergipe acolheu a seleção da Grécia e para isso era necessário reformar o estádio Lourival Batista, transformando-o em Arena, e foi quando surgiu o interesse em falar sobre a modernização.

O percurso trilhado até aqui buscou levantar alguns questionamentos que essa pesquisa se propôs a fazer, tendo como objetivo discutir a respeito da intensidade do torcer confrontada com a modernização do futebol, por meio das principais torcidas do futebol sergipano.

As discussões feitas nesse trabalho tiveram como disparador uma experiência anterior que levou a pesquisadora a pensar novas possibilidades de discutir o futebol, para além da violência entre as torcidas. O debate sobre a modernização do futebol apareceu também em meio a própria torcida, que começou a questionar sobre as novas medidas de padronização das novas arenas e outras exigências feitas pelo Ministério Público. Essas mudanças são inspiradas em exigências que a FIFA fez para os seus campeonatos, e adotadas por outras federações. Dentre as medidas solicitadas estavam a determinação de cadeiras e de que os torcedores deveriam assistir sentados.

Entendemos que o futebol passou por diversas transformações acompanhando o contexto sócio histórico. Desde a universalização do jogar, iniciado com as Regras de Cambridge e consolidado em 1863 com o livro de regras em Londres, podemos considerá-lo

como um esporte moderno. Agora estamos diante da universalização do torcer através do Estatuto do Torcedor e do Código de Conduta no Estádio.

Com essas mudanças, uma nova forma de torcer se configurou modificando também a afetividade presente nesse ambiente. O Estatuto do Torcedor define o que é uma torcida ou um torcedor de esporte, afirmando que é quem aprecia, apoia ou se associa a qualquer prática esportiva. O estado passa a legitimar através desse regulamento o ato de torcer, e, em tese, não se é permitido discordar dos dirigentes de clubes tão pouco demonstrar a insatisfação.

O bom torcedor é o associado, o que faz parte do programa sócio torcedor do seu clube, o bom consumidor que ajuda ao seu time comprando os diversos produtos. É o torcedor padrão FIFA, deixando de fora quem não têm renda suficiente para frequentar as novas arenas.

As intensidades do torcer são capturadas por esse processo e se tornam capitalizáveis. A tragédia com o voo da companhia Lamia, que levava os jogadores da Associação Chapecoense de Futebol, é um exemplo disso. A cobertura da tragédia despertou o interesse nas emissoras televisivas que aproveitaram da grande comoção gerada para elevar a audiência, passando a exibir extensas coberturas jornalísticas do acidente, das vítimas, da notícia recebida pelos familiares, da repercussão internacional, tudo colaborando para o sustento financeiro dos meios de comunicação.

Além disso, a procura por produtos do clube fez um site de vendas de material esportivo ficar fora do ar durante um turno, além de burburinhos sobre o aumento no valor da camisa após o material ter sido esgotado.

Todo esse controle e vigilância, mesmo na modalidade do consumismo do torcedor, talvez esteja a serviço para conter a ameaça que as torcidas representam, sua possível intimidação frente ao poder do Estado. Como na Revolta de Nika, no ano de 532 d. C., que teve como pano de fundo as corridas de cavalos disputadas no Hipódromo de Constantinopla. O público, que tinha grande interesse nessas corridas, estava dividido em dois grupos: os verdes e os azuis que disputavam para ter a atenção do imperador. A torcida dos verdes era composta por altos funcionários e a plebe incluindo os comerciantes, os artesãos e a população mais pobre, constituindo a torcida mais numerosa. A torcida dos azuis era composta pelos grandes proprietários de terra e pela ortodoxia religiosa. Em uma ocasião, o imperador, para barrar o excesso de violência entre os grupos, condenou os líderes a morte gerando uma revolta geral. Quando o imperador se preparava para mais uma disputa, os dois

grupos uniram-se e realizaram um motim que se transformou em um levante social e político. No embate contra o imperador, os revoltosos colocaram chamas em muitos pontos da capital.

A torcida é vista como uma ameaça ao Estado, e esse busca através dos mecanismos de disciplinarização e de vigilância, lidar com essa multiplicidade individualizando os torcedores e utilizando dos estatutos e códigos de conduta que determinam como deve ser uma torcida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, T, C, F. de. A Representação Social da Violência em Torcidas Organizadas de Futebol. **Dissertação de Mestrado em Psicologia Social**, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

AZEVEDO. A, G. O desenvolvimento de estratégia do programa Sócio-torcedor relacionado com a visão Gerencial do futebol profissional no Distrito Federal. **Tese de Mestrado em Educação Física**, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRASIL. [Estatuto de defesa do torcedor (2003)]. **Estatuto de defesa do torcedor e legislação correlata** [recurso eletrônico]. – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

CINTRA SOBRINHO, D. Alma do espetáculo ou público pagante?: uma análise culturoológica sobre as representações do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa. 2005. 234 f. **Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação**, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/89398>>.

CLASTRES. P. **Arqueologia da violência**: pesquisas de antropologia política. São Paulo Cosac & Naify. 2004

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUARTE, O. **Futebol regras e comentários**. SENAC. São Paulo, 2005.

DUNNING, E.; ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERREIRA, A. L.; MARTINS, A.; SEGAL, R. **Uma bola no pé e uma ideia na cabeça: o que o futebol nos faz pensar**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Faperj, 2014.

FEYERABEND, P. **Contra o Método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. 551p

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes. 1999.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GARRAFFONI, R. S. Lendo sobre arenas romanas e repensando o papel dos gladiadores. **Mimesis**, v. 29, n. 2, p. 105-122, 2008.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo. Nova Alexandria. 2010

HOLLANDA, B. B. B. de. **O Clube como Vontade e Representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

HOLLANDA, B. B. B. de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In HOLLANDA, B. B. B. de. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Instituto de Brasileiro de Defesa do Consumidor, IDEC. **Direitos e condutas do torcedor no estágio**. 2014. Disponível em: <<http://www.idec.org.br/pdf/especial-copa-2014.pdf>> Acessado em 30 de março de 2016.

MARIO FILHO. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad. 2003.

MÁXIMO, J. **Brasil: um século de futebol arte e magia**. Rio de Janeiro: Aprazível, 2006.

MENEZES, I. T. Entre a Fúria e a Loucos pelo Botafogo: apontamentos sobre modernização do futebol, socialização e individualidade. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho, 2011.

MURAD, M. **Para entender a violência no futebol**. Rio de Janeiro: Benvirá, 2012.

PARDINI, M. N. M. A Narrativa da Ordem e a Voz da Multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945). **Dissertação de Mestrado em História Social**, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

PRONI, M, W. A economia do esporte em tempos de Copa do Mundo. **ComCiência (online)** v. 157, 2014. Disponível em:

<[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542014000300009&lng=e&nrm=iso&tlng=pt](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000300009&lng=e&nrm=iso&tlng=pt)>

RAGO, L. M. e MOREIRA, E. F.P. **O que é o taylorismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003

REIS, H. H. B. dos. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 1996.

TOLEDO, L. H. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOURNIER, M. **Sexta-feira ou os limbos do Pacífico**. Rio de Janeiro, BestBolso, 2014.

UNZELTE, C. D. **O livro de Ouro do Futebol**. Ediouro, Rio de Janeiro, 2009.

VEYNE, PAUL. **Pão e circo: sociologia histórica de um pluralismo político**. São Paulo. Unesp, 2015.

VIANA FILHO, F. **A História do Futebol Sergipano: a história completa desde 1907 a 1960**. Aracaju: Universidade Tiradentes – UNIT, 2014.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

## ANEXO

### Manifesto contra o Futebol Moderno

O Futebol é mais do que pão e circo. É mais do que um ritual alienante e vai muito além de um simples esporte. Serve como instrumento social, moldou o caráter e mudou a vida de muita gente. Para alguns é encarado como religião e cultura.

Algo que não pode ser negado é que o futebol invariavelmente também é política. Eu poderia varar a noite escrevendo sobre o quanto o esporte bretão já fez parte da história. Das vezes em que já parou guerras, redefiniu fronteiras, foi infelizmente utilizado por ditaduras para abafar o que acontecia do lado de fora das quatro linhas e etc.

Historicamente, muitas torcidas já peitaram o Estado, como por exemplo na Argentina, onde a torcida do Nueva Chicago cantava a Marcha Peronista e hoje o Clube Atlético Belgrano realiza anualmente uma solenidade em homenagem aos 30 mil mortos da ditadura. Ou no Chile, quando a Los de Abajo entoava seu clássico "somos los hinchas mas anarquistas, los mas borrachos, los mas antifascistas" nos estádios em plena ditadura de Pinochet.

Já existiram movimentos que surgiram de dentro pra fora, como no caso da Democracia Corinthiana, que começou dentro do clube, depois tomou as arquibancadas e esteve presente nas ruas.

Existem torcidas com posturas contrárias, mas com características em comum, o amor e o ódio como no caso da Lazio. Amor pelo clube e ódio por suas posturas antagônicas, a Irriducibilli, torcida de extrema direita, e a Laziali Antifascisti, declaradamente de esquerda.

Na Itália, as torcidas podem se odiar, mas algo que eles sabem fazer como ninguém é reconhecer que o verdadeiro inimigo de todos no mundo do futebol é o Estado que a cada dia mina a grande festa que é futebol em nome de uma ordem que na prática não se vê em lugar algum.

Para quem diz que futebol e política não se misturam, o que acontece no futebol não é nada menos do que o reflexo da sociedade. E se há problemas estruturais na sociedade, de certo eles aparecerão no futebol.

Observando as torcidas organizadas, sejam Ultras, Barras, Casuais, ou Organizadas, o que chama atenção é sempre sua capacidade de organização. Algo que se assemelha a um regimento de milícia. E onde mais encontramos esse tipo de comportamento? Sim, nas

organizações sociais de luta popular.

Num mundo ideal, seria ótimo que as organizações sociais de luta popular tivessem a energia e a disposição para matar e morrer pelo ideal como tem os fanáticos por futebol.

Essa chama urge de dentro para fora, muitas vezes como uma válvula de escape das pressões sofridas pela classe trabalhadora, é o motor que faz girar o que conhecemos hoje como o "ato de torcer". Se desassociarmos uma coisa da outra, sobra apenas o vazio. É insustentável o ato de torcer se não houver o fator "válvula de escape". Um exemplo disso é a nova leva de torcedores que precisam de um milhão de estímulos alheios ao futebol para prestarem atenção no que está acontecendo lá dentro e muitas vezes, nem vão ao estádio pelo amor ao clube. Vão como quem vai a um parque. Como quem vai ao cinema.

Dizer que é CONTRA O FUTEBOL MODERNO, é dizer que como classe trabalhadora, nós clamamos pelo nosso direito irredutível de ocupar as arquibancadas e usufruir do NOSSO ESPAÇO, DA NOSSA VÁLVULA DE ESCAPE, DA NOSSA FESTA!

Peço que quem pensa que futebol possa ser desassociado de política, coloque a mão na consciência e reflita. Quem toma as decisões pelo clube? Quem define quem pode e quem não pode frequentar o estádio? Quem define quem pode fazer festa na nossa casa? Quem define COMO deve ser essa festa?

Se depois de pensarem sobre todas essas questões e mesmo assim não acharem uma resposta sobre o porque futebol é política, senhores... Podem seguir com o enterro do futebol.